UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Bruna Madeira dos Reis

“And we’ll never be royals”:
Construção de sentidos sobre a juventude em *Pure Heroine*

Porto Alegre
2026

Bruna Madeira dos Reis

“And we’ll never be royals”:
Construção de sentidos sobre a juventude em *Pure Heroine*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientador(a):
Prof. Dr. Marcelo B. Conter

Porto Alegre
2026

CIP - Catalogação na Publicação

dos Reis, Bruna Madeira
"And we'll never be royals": Construção de sentidos sobre a juventude em Pure Heroine / Bruna Madeira dos Reis. -- 2026.
86 f.
Orientador: Marcelo Bergamin Conter.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Publicidade e Propaganda, Porto Alegre, BR-RS, 2026.

1. autenticidade. 2. música pop. 3. adolescência. 4. comunicação. 5. Lorde. I. Bergamin Conter, Marcelo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bruna Madeira dos Reis

“And we’ll never be royals”:
Construção de sentidos sobre a juventude em *Pure Heroine*

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Publicidade e Propaganda e aprovado em sua forma final pelo Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, obtendo conceito A.

Aprovado em 26 de junho de 2026.

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Marcelo B. Conter
Orientador - UFRGS

_____
Prof. Dr. Ricardo Lessa Filho
UFRGS

_____
Me. Amanda Iegli Tech

Dedico este trabalho à minha mãe, que acreditou nas minhas ideias desde quando elas cabiam apenas em desenhos nas paredes de casa.

AGRADECIMENTOS

Escrever sobre pertencimento também é reconhecer os lugares e as pessoas que nos trouxeram até aqui. Nenhum caminho é percorrido sozinho, e cada uma delas deixou marcas que, de diferentes formas, também estão presentes nestas páginas.

À Ana, com quem aprendi e sigo reaprendendo o significado da amizade. Há quase vinte anos, crescemos juntas sem jamais deixar de nos reconhecer uma na outra. Obrigada por compartilhar comigo as incertezas, os excessos, as descobertas e os medos de crescer; os pensamentos sobre juventude, pertencimento e passagem do tempo que atravessam estas páginas também carregam, de alguma forma, a nossa história.

À Gabi, por compartilhar comigo muito mais do que músicas, artistas e histórias. Obrigada por me lembrar que algumas das coisas mais bonitas da vida começam quando encontramos alguém com quem compartilhar aquilo que amamos. Muitas das reflexões presentes neste trabalho nasceram, em parte, das conversas que dividimos ao longo dos anos. Posso dizer que fui transformada para melhor.

Ao Leo, por tantos anos de amizade construída no cotidiano. Obrigada por estar presente nas conversas, nos almoços, nos filmes, nas reclamações sobre a vida e em tantos momentos que, embora parecessem comuns, se tornaram parte importante da minha história. À Ana Júlia, por ter vivenciado comigo tantas fases da vida. Entre conversas, passeios, risadas e incontáveis desabafos, você esteve presente em muitos dos momentos que hoje também fazem parte da minha própria história de crescimento. Da mesma forma, aos meus parceirinhos, Thiago, João, Gabriel e 'Figo', por me lembrarem que a vida acontece também fora das páginas, dos prazos e das preocupações. Obrigada pelas conversas sem hora para acabar, pelas risadas compartilhadas e pelas memórias que construímos juntos ao longo do caminho.

Aos amigos que a universidade me deu, por terem transformado os anos de graduação em algo muito maior do que salas de aula. Obrigada pelas conversas nos corredores, pelos cafés, pelos momentos de desespero compartilhado e por todas as memórias construídas ao longo desse caminho. Em especial, à Bruna e à Stéfani, que estiveram ao meu lado desde os primeiros dias de curso. Entre trabalhos, apresentações, risadas e choros, tornaram essa trajetória mais tranquila. E ao Thiago, por compartilhar comigo muito mais do que a experiência universitária, dividindo também o trabalho, os estudos, os interesses em comum e as intermináveis conversas sobre cultura pop e tantos outros assuntos ao longo dessa trajetória.

Ao meu orientador Marcelo, pelas conversas, leituras, questionamentos e orientações que deram forma a esta pesquisa. Obrigada por compartilhar seu conhecimento com tanta paciência e por tornar este percurso mais leve e significativo.

À minha família, por ser o lugar para onde sempre volto. Obrigada pelo apoio constante e por terem acompanhado, cada um à sua maneira, as diferentes versões de mim ao longo desta trajetória. À minha dinda Josi, pelo carinho, pela torcida e por estar presente nos momentos importantes da minha vida.

À minha irmã Tatiane, por ter sido a primeira a me mostrar que os meus sonhos cabem no mundo. Obrigada por abrir caminhos antes de mim, por ser referência, inspiração e presença constante em cada fase da minha vida. Por celebrar minhas conquistas, oferecer apoio nos momentos difíceis e estar sempre presente, tornando a vida mais leve dentro e fora da universidade.

Ao meu sobrinho e afilhado, Theo por me permitir acompanhar de perto a beleza de descobrir o mundo pela primeira vez. Obrigada por trazer mais cor aos meus dias e por me fazer acreditar, sempre, que a vida é maior, mais bonita e mais cheia de possibilidades do que às vezes consigo enxergar sozinha. Que você nunca perca a curiosidade que ilumina tudo ao seu redor.

E por fim, à minha mãe, Zilamar, que muito antes de eu escolher a Comunicação já me ensinava, sem saber, o que ela significava. Cresci vendo você conversar com as pessoas, contar histórias, fazer amigos por onde passava e encontrar beleza nas coisas mais simples. Talvez minha escolha profissional tenha começado ali, muito antes da universidade. Obrigada por ter acolhido minha criatividade desde o início, por nunca reclamar das paredes desenhadas, das ideias mirabolantes ou da bagunça de quem estava sempre inventando alguma coisa. Se hoje concluo esta etapa, é porque você acreditou em mim quando eu ainda estava descobrindo quem queria ser. E, às vezes, penso que, com outras oportunidades, este diploma poderia carregar o seu nome.

All my life I've been obsessed with adolescence, drunk on it. Even when I was little, I knew that teenagers sparkled. I knew they knew something children didn't know, and adults ended up forgetting.
(LORDE)

RESUMO

Este trabalho analisa o álbum *Pure Heroine* (2013), da artista Lorde, buscando compreender de que forma a obra constrói representações da adolescência contemporânea por meio da articulação entre letras, sonoridades, performances vocais e discursos midiáticos. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, baseada na análise cultural e midiática das faixas do álbum, além de entrevistas concedidas pela artista, materiais promocionais e conteúdos digitais produzidos por criadoras de conteúdo no YouTube. A análise fundamenta-se nas discussões sobre representação de Stuart Hall, cultura pop e música popular de Roy Shuker e escutas conexas de Janotti Jr., Queiroz e Pires, compreendendo a música pop como um espaço de produção de sentidos e experiências compartilhadas. O estudo discute temas recorrentes no álbum, como suburbanidade, autenticidade, pertencimento, tédio juvenil, escapismo, fama, ansiedade e construção identitária, observando como esses elementos são elaborados tanto na dimensão lírica quanto na construção sonora das músicas. A análise evidencia que a simplicidade estética de *Pure Heroine* atua diretamente na produção de atmosferas de introspecção, vulnerabilidade e suspensão emocional, diferenciando o álbum das produções pop mainstream do início da década de 2010. Além disso, o trabalho demonstra como a obra transforma experiências cotidianas da juventude suburbana em narrativas coletivas e afetivas capazes de produzir identificação geracional. Por fim, conclui-se que *Pure Heroine* constrói uma percepção de autenticidade baseada na intimidade, no distanciamento crítico e na valorização de experiências juvenis ordinárias, articulando música pop, performance e cultura digital na elaboração de sentidos sobre adolescência contemporânea.

Palavras-chave: autenticidade, música pop, adolescência, comunicação, Lorde.

ABSTRACT

This study analyzes the album *Pure Heroine* (2013) by Lorde, seeking to understand how the work constructs representations of contemporary adolescence through the articulation of lyrics, soundscapes, vocal performances, and media discourses. The research adopts a qualitative approach based on the cultural and media analysis of the album's tracks, as well as interviews given by the artist, promotional materials, and digital content produced by YouTube creators. The analysis is grounded in Stuart Hall's discussions of representation, Roy Shuker's studies of pop culture and popular music, and related contributions by Janotti Jr., Queiroz, and Pires, understanding pop music as a space for the production of meanings and shared experiences. The study discusses recurring themes throughout the album, such as suburban life, authenticity, belonging, youthful boredom, escapism, fame, anxiety, and identity construction, examining how these elements are developed both lyrically and sonically. The findings indicate that the aesthetic simplicity of *Pure Heroine* plays a central role in creating atmospheres of introspection, vulnerability, and emotional suspension, distinguishing the album from mainstream pop productions of the early 2010s. Furthermore, the research demonstrates how the work transforms everyday experiences of suburban youth into collective and affective narratives capable of generating generational identification. Finally, it concludes that *Pure Heroine* constructs a perception of authenticity based on intimacy, critical distance, and the valorization of ordinary youthful experiences, articulating pop music, performance, and digital culture in the production of meanings about contemporary adolescence.

Keywords: authenticity; pop music; adolescence; communication; Lorde.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

1.1 Lorde: trajetória, formação artística e contexto de ascensão 14

1.2 Pop mainstream, glamour e excesso no início da década de 2010 15

1.3 A persistência de *Pure Heroine* na cultura pop contemporânea 17

1.4 Problema de pesquisa e objetivos 18

2 MÚSICA POP, JUVENTUDE E AUTENTICIDADE 20

2.1 Juventude, intimidade e identificação 20

2.2 Escuta e produção de sentido na música pop 23

2.3 Música pop, feminilidade e identificação 26

2.4 Autenticidade no pop 28

3 ENTRE ESCUTAS, NARRATIVAS E INTERPRETAÇÕES: PERCURSO METODOLÓGICO 32

4 A CONSTRUÇÃO DA ADOLESCÊNCIA EM *PURE HEROINE:* UMA ANÁLISE FAIXA A FAIXA 38

4.1 Tennis Court 40

4.1.1 Construção lírica, autocrítica e imaginário adolescente 40

4.1.2 Simplicidade sonora e atmosfera melancólica 42

4.2 *400 Lux* 43

4.2.1 Cotidiano suburbano, intimidade e pertencimento juvenil 43

4.2.2 Atmosfera sonora, suspensão temporal e desaceleração 44

4.3 Royals 46

4.3.1 Consumo, crítica geracional e construção de pertencimento coletivo 46

4.3.2 Simplicidade sonora, camadas vocais e monumentalidade suburbana 48

4.4 Ribs 50

4.4.1 Medo de crescer, passagem do tempo e anseios juvenis 50

4.4.2 Expansão atmosférica, camadas vocais e sensação de aceleração 52

4.5 Buzzcut Season 54

4.5.1 Escapismo, alienação midiática e suspensão 54
4.5.2 Delicadeza sonora e atmosfera de dissociação 56
4.6 Team 57
4.6.1 Pertencimento coletivo, suburbanidade e imaginário juvenil 57
4.6.2 Construção expansiva, harmonizações vocais e estética de hino coletivo 60
4.7 Glory and Gore 61
4.7.1 Espetáculo, violência simbólica e tensão coletiva 62
4.7.2 Sonoridade agressiva, teatralidade e campo de batalha 63
4.8 Still Sane 65
4.8.1 Exposição, autenticidade e instabilidade emocional 65
4.8.2 Estrutura fragmentada, espacialidade sonora e sensação de desorientação 66
4.9 White Teeth Teens 68
4.9.1 Pertencimento, exclusão social e performance 68
4.9.2 Luminosidade e leveza sonora 69
4.10 A World Alone 71
4.10.1 Intimidade, pertencimento e isolamento compartilhado 71
4.10.2 Encerramento sonoro, suspensão e sensação de mundo isolado 72
5 A ADOLESCÊNCIA EM *PURE HEROINE:* ANÁLISE DO ÁLBUM COMO CONJUNTO 76
5.1 Sonoridade simplista, espacialidade e coesão estética 76
5.2 Juventude, fama e experiências suburbanas: a construção temática de *Pure Heroine* 78
6 CONCLUSÃO 83
REFERÊNCIAS 85

1 INTRODUÇÃO

A música pop ocupa posição central na cultura midiática contemporânea, especialmente por sua capacidade de articular consumo, comportamento, identidade e formas de representação social. Ao longo das décadas, o gênero consolidou-se não apenas como produto da indústria cultural, mas também como espaço de produção simbólica capaz de refletir transformações estéticas, tecnológicas e geracionais. Nesse contexto, artistas pop frequentemente constroem narrativas que dialogam diretamente com imaginários sociais relacionados à juventude, fama, consumo e pertencimento.

No início da década de 2010, o pop mainstream atravessava um período marcado pela intensificação da cultura da celebridade e pela valorização de produções musicais grandiosas, fortemente associadas ao glamour, à ostentação e ao excesso visual e sonoro. Em meio à expansão das redes sociais, da cultura digital e do consumo acelerado de imagens, consolidaram-se narrativas centradas em luxo, festas, ascensão social e estilos de vida idealizados, especialmente dentro do pop feminino radiofônico daquele período. Paralelamente, as produções musicais eram caracterizadas por instrumentais densos, refrões explosivos, sintetizadores expansivos e vocais altamente processados, construindo uma estética mais extravagante voltada para impacto imediato e alcance comercial.

É nesse cenário que surge *Pure Heroine* (2013), álbum de estreia da cantora neozelandesa Lorde. Distanciando-se de grande parte das convenções predominantes no pop da época, o disco propõe uma estética marcada pelo simplismo sonoro, pela introspecção e por narrativas centradas em experiências juvenis suburbanas. Em vez de enfatizar glamour, celebridade e excesso, Lorde constrói músicas atravessadas por sentimentos de tédio, deslocamento, nostalgia e pertencimento coletivo, articulando uma percepção crítica em relação às representações dominantes da cultura pop contemporânea.

Mais de uma década após seu lançamento, *Pure Heroine* permanece como uma referência importante dentro da música pop contemporânea. Embora tenha surgido como uma alternativa às tendências predominantes do pop mainstream do início da década de 2010, o álbum segue sendo frequentemente citado por fãs, críticos e criadores de conteúdo como uma obra marcante para o gênero. Paralelamente, Lorde consolidou uma trajetória artística reconhecida internacionalmente, marcada por turnês mundiais, shows esgotados e uma base de

fãs fortemente engajada, que continua acompanhando e reinterpretando sua obra ao longo dos anos. Nesse contexto, *Pure Heroine* não se apresenta apenas como um registro de um momento específico da cultura pop, mas como um álbum que permaneceu relevante para aqueles que cresceram ouvindo suas narrativas sobre juventude, pertencimento e amadurecimento.

Essa persistência também atravessa a presente pesquisa. Como ouvinte que acompanhou o álbum durante a adolescência e que continua retornando a ele mais de uma década depois, reconheço que muitas das questões presentes em *Pure Heroine* seguem produzindo sentidos em diferentes momentos da vida. Se, em um primeiro momento, as músicas dialogavam com experiências relacionadas ao crescimento, à insegurança e à busca por pertencimento, hoje elas também permitem refletir sobre memória, passagem do tempo e transformações pessoais. Nesse sentido, a escolha do álbum como objeto de pesquisa parte não apenas de sua relevância cultural, mas também da compreensão de que determinados produtos midiáticos permanecem significativos porque acompanham seus públicos ao longo de diferentes fases da vida, sendo constantemente reinterpretados e ressignificados.

Dessa forma, compreender o contexto cultural e musical em que *Pure Heroine* foi lançado torna-se fundamental para analisar os sentidos produzidos pelo álbum e os motivos pelos quais sua estética passou a ser percebida como uma ruptura dentro do pop mainstream da década de 2010. Assim, antes de aprofundar as análises das faixas e das construções narrativas presentes no disco, faz-se necessário discutir algumas características centrais do cenário pop daquele período, especialmente no que diz respeito às representações de fama, consumo, juventude e produção musical.

1.1Lorde: trajetória, formação artística e contexto de ascensão

Antes do lançamento de *Pure Heroine*, Ella Marija Lani Yelich-O'Connor, conhecida artisticamente como Lorde, vivia em Takapuna, subúrbio de Auckland, na Nova Zelândia. Filha da poeta Sonja Yelich e do engenheiro civil Vic O'Connor, a artista cresceu em um ambiente de classe média e teve contato precoce com literatura e produção artística, elementos que posteriormente influenciariam a elaboração lírica de suas composições.

O interesse pela música surgiu ainda na infância. Aos 12 anos, após participar de uma apresentação escolar, Lorde foi descoberta por um representante da gravadora Universal Music

New Zealand, assinando contrato de desenvolvimento artístico em 2009. Durante os anos seguintes, a cantora participou de diferentes processos de composição e experimentação musical até iniciar uma parceria com o produtor Joel Little, que se tornaria seu principal colaborador na criação de *The Love Club EP* (2012) e posteriormente de *Pure Heroine* (2013).

O nome artístico "Lorde" também evidencia interesses que atravessariam sua obra desde o início da carreira. A cantora afirma ser fascinada por aristocracia, linhagens familiares tradicionais e pelas dinâmicas simbólicas associadas ao chamado "old money". Segundo a artista, a escolha do nome surgiu justamente desse interesse por títulos de nobreza e estruturas aristocráticas, embora tenha optado por acrescentar a letra "e" ao final da palavra lord para tornar o nome mais feminino. Essa fascinação aparece posteriormente em diversas composições, especialmente em *Royals*, faixa que questiona imaginários de riqueza, status e prestígio frequentemente associados à cultura pop contemporânea.

Ao recordar o período de criação de *Pure Heroine*, Lorde descreve um processo profundamente conectado ao cotidiano suburbano em que vivia. Em depoimento publicado em 2023, a artista relembra longas caminhadas pelo bairro e afirma que começou a transformar elementos ordinários de sua rotina, campos vazios, viagens de ônibus, ruas escuras, tédio e isolamento, em imagens e símbolos que posteriormente estruturariam o universo estético do álbum. Esse processo contribuiu para a construção de uma obra fortemente ancorada em experiências juvenis comuns, em contraste com os cenários de glamour e celebridade frequentemente presentes no pop mainstream da época.

O lançamento de *Pure Heroine*, em setembro de 2013, ocorreu quando Lorde tinha apenas 16 anos. A recepção do álbum chamou atenção não apenas pela idade da artista, mas também pela maturidade de suas composições e pela maneira como articulava temas como juventude, fama, consumo, pertencimento e crítica social.

1.2 Pop mainstream, glamour e excesso no início da década de 2010

Entre os principais nomes do pop feminino mainstream daquele período, artistas como Katy Perry, Lady Gaga, Rihanna e Kesha ajudavam a consolidar uma estética marcada por produções expansivas, visuais extravagantes, refrões de grande impacto comercial e narrativas frequentemente associadas à festa, ao hedonismo, à ostentação e à ascensão social. Músicas

como *Tik Tok*, *California Gurls, Only Girl (In The World)* e *Party in the U.S.A.*, exemplificam um momento em que a música pop de rádio era fortemente atravessada por imagens de euforia constante, luxo, celebração e escapismo.

Ao mesmo tempo, o crescimento das redes sociais e da cultura digital intensificava a circulação de imagens ligadas à celebridade e ao consumo. A lógica do sucesso pop daquele período frequentemente se articulava à ideia de visibilidade máxima: grandes performances, videoclipes altamente produzidos, construções visuais extravagantes e narrativas centradas em riqueza, glamour e reconhecimento público. Em muitos casos, a juventude representada nessas músicas aparecia associada a festas, carros luxuosos, bebidas caras, joias e estilos de vida inacessíveis para grande parte dos ouvintes.

As tendências de excesso presentes nas narrativas e imagens do pop mainstream também encontravam expressão nas próprias escolhas sonoras predominantes naquele período. Nesse contexto, o surgimento de *Pure Heroine* chamou atenção justamente por propor uma abordagem distinta, marcada por arranjos mais simples, espaços vazios e vocais contidos.

É justamente nesse contexto que o surgimento de Lorde passa a chamar atenção dentro da indústria musical. Em 2013, aos 16 anos, a artista neozelandesa lança o álbum *Pure Heroine*, construindo uma estética que se distanciava significativamente das principais tendências do pop mainstream daquele momento. Em oposição às produções grandiosas e excessivamente polidas, *Pure Heroine* apresenta arranjos simples, espaços vazios, vocais contidos e narrativas centradas em experiências suburbanas, angústias juvenis, tédio cotidiano e sensação de deslocamento social.

A própria recepção contemporânea do álbum frequentemente destacou esse contraste. Em análise publicada no YouTube[1], a criadora de conteúdo Analu TV afirma que a chegada de Lorde representou "um marco histórico", especialmente por apresentar uma adolescente que "quebrou com tudo que vinha sendo feito por grandes nomes do pop até então". Segundo a youtuber, *Pure Heroine* trouxe para o centro do pop mainstream experiências mais próximas da realidade de jovens que cresceram "fora da elite e dos holofotes de Hollywood", produzindo identificação através de narrativas marcadas por insegurança, nostalgia, suburbanidade e

[1] ANALU TV. **PURE HEROINE: o álbum da Lorde que moldou uma geração.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.

distanciamento em relação às representações tradicionais de glamour presentes na música pop da época.

Nesse sentido, *Pure Heroine* não apenas introduz novas temáticas dentro do pop mainstream, mas também reorganiza a própria forma como essas experiências juvenis são musicalmente representadas. Em vez de construir narrativas centradas na fantasia da celebridade e no excesso performático, o álbum transforma situações cotidianas aparentemente banais, dirigir sem rumo, passar o tempo nos subúrbios, sentir medo de crescer, observar pessoas ao redor ou experimentar tédio coletivo em experiências emocionalmente significativas.

Além disso, a oposição recorrente entre “eles” e “nós”, presente ao longo do álbum, evidencia uma tensão constante entre juventude suburbana e imaginário midiático dominante. Enquanto o pop mainstream frequentemente projetava estilos de vida associados ao luxo e à ostentação, Lorde constrói narrativas centradas em adolescentes que se percebem distantes desses espaços de prestígio social. Em músicas como *Royals* e *Team*, essa dimensão aparece de forma particularmente explícita ao articular pertencimento coletivo, suburbanidade e crítica às representações tradicionais de sucesso reproduzidas pela indústria musical.

Ao mesmo tempo, *Pure Heroine* também se diferencia pela maneira como articula introspecção emocional e observação social. Embora as músicas partam frequentemente de experiências pessoais da artista, elas são constantemente deslocadas para uma dimensão coletiva e geracional. Assim, o álbum constrói uma representação da juventude marcada simultaneamente por intimidade, vulnerabilidade, ansiedade diante do futuro e sensação de não pertencimento em relação às imagens idealizadas da música pop contemporânea.

Dessa forma, compreender *Pure Heroine* implica também compreender o contexto cultural e musical no qual o álbum emerge. O sucesso de Lorde não ocorre apenas pela originalidade estética de suas músicas, mas também porque suas narrativas passam a ocupar um espaço pouco explorado dentro do pop mainstream daquele período: o de jovens suburbanos que não se reconheciam plenamente nas imagens de glamour, riqueza e perfeição constantemente reproduzidas pela indústria cultural.

1.3A persistência de *Pure Heroine* na cultura pop contemporânea

Mais de uma década após seu lançamento, *Pure Heroine* continua ocupando um lugar relevante dentro da cultura pop contemporânea. Embora tenha surgido como uma alternativa às tendências predominantes do pop mainstream do início da década de 2010, o álbum continua sendo frequentemente citado por fãs, críticos e criadores de conteúdo como uma referência importante para a música pop produzida nos anos seguintes. Paralelamente, Lorde consolidou uma trajetória artística marcada por reconhecimento crítico, turnês internacionais e uma base de fãs engajada, que continua acompanhando e reinterpretando sua obra. Nesse contexto, *Pure Heroine* não se apresenta apenas como um objeto relevante para compreender um momento específico da música pop, mas também como uma produção que segue mobilizando afetos, memórias e processos de identificação entre ouvintes que cresceram acompanhando suas narrativas sobre juventude, pertencimento e amadurecimento.

Nesse sentido, esta pesquisa também parte de uma relação pessoal com o objeto estudado. Como ouvinte que acompanhou o álbum durante a adolescência e que permanece em diálogo com sua obra mais de uma década depois, reconheço que as experiências, afetos e inquietações presentes em *Pure Heroine* continuam produzindo sentidos em diferentes momentos da vida. Longe de comprometer o olhar analítico, essa proximidade contribui para compreender como determinados produtos culturais permanecem significativos ao longo do tempo, especialmente quando articulam experiências geracionais compartilhadas e formas duradouras de identificação.

1.4 Problema de pesquisa e objetivos

Partindo desse contexto, este trabalho busca analisar de que maneira *Pure Heroine* constrói representações da juventude suburbana através de suas letras, atmosferas sonoras, performances vocais e escolhas estéticas. A pesquisa investiga como o álbum articula temas como pertencimento, nostalgia, medo de crescer, alienação midiática, fama, consumo e intimidade juvenil, frequentemente em oposição aos imaginários de glamour e ostentação predominantes no pop mainstream do início da década de 2010.

Além disso, busca-se compreender como a construção simplista das músicas contribui para a produção de sentidos relacionados à introspecção, vulnerabilidade e coletividade geracional, observando também de que forma a recepção contemporânea do álbum em vídeos

de reação (realizados por mulheres com idade próxima à idade de Lorde) publicados no YouTube amplia ou ressignifica essas interpretações.

Como objetivo geral, o trabalho pretende analisar as representações da juventude presentes em *Pure Heroine*, considerando simultaneamente suas dimensões líricas, sonoras e culturais. Entre os objetivos específicos, destacam-se:

1. compreender o contexto do pop mainstream no início da década de 2010 do qual *Pure Heroine* emerge em oposição às tendências sonoras, discursivas e estéticas;
2. investigar a relação entre o simplismo sonoro e construção emocional no álbum;
3. analisar como *Pure Heroine* representa experiências suburbanas e sentimentos geracionais, em especial tédio, a nostalgia, o medo de crescer, a sensação de não pertencimento e as incertezas associadas à juventude;
4. observar as relações entre fama, consumo e pertencimento nas narrativas construídas por Lorde;
5. analisar a recepção contemporânea do álbum em vídeos de reação publicados no YouTube.

2 MÚSICA POP, JUVENTUDE E AUTENTICIDADE

No senso comum, a adolescência frequentemente é compreendida como uma fase marcada pela descoberta de si, pela busca por autenticidade e pela construção da própria identidade. Nesse contexto, a música, assim como outros produtos culturais, aparece muitas vezes como um espaço para expressão de sentimentos, reconhecimentos de experiências sociais e criação de vínculos afetivos.

Da mesma forma, especialmente no campo da música pop, artistas e obras são constantemente avaliados a partir de noções existentes de "verdade", "realidade" ou "proximidade", como se determinadas produções fossem mais autênticas do que outras. Narrativas intimistas, relatos confessionais e referências ao cotidiano costumam ser associados a uma ideia de sinceridade emocional, especialmente aqueles que permitem que os ouvintes reconheçam aspectos de suas próprias vivências nessas experiências.;

No entanto, os valores atribuídos à autenticidade, à intimidade e à identificação não devem ser entendidos como naturais ou absolutos. Pelo contrário, eles são produzidos culturalmente, sendo atravessados por disputas simbólicas, relações midiáticas e formas de circulação da música pop.

Assim, os tópicos a seguir buscam discutir essas noções a partir de contribuições dos estudos críticos da música e da comunicação, compreendendo tais experiências não como essências fixas, mas como construções culturais produzidas nas relações entre artistas, obra, indústria e público.

2.1 Juventude, intimidade e identificação

A partir dos apontamentos anteriores, é possível perceber a relação entre música pop e a experiência juvenil, considerando não apenas a produção de sentidos, mas também as formas de identificação e construção de si que emergem da escuta.

Nesse contexto, é importante também compreender a adolescência como um período central para esses processos. Como afirmam Mutschler e Silva "a adolescência [...] constitui uma fase singular, marcada por intensas transformações biológicas, emocionais, sociais e

simbólicas.” (2026, p. 1). Essa dimensão pode ser aprofundada a partir de Stuart Hall, que afirma, “o sentido é o que nos dá a sensação de nossa própria identidade, de quem somos e a quem 'pertencemos’” (HALL, 1997, p.21, tradução nossa).[2] Dessa forma, os sentidos produzidos culturalmente também participam da construção de pertencimentos e formas de reconhecimento, permitindo compreender a música pop como um espaço importante para a articulação de experiências juvenis.

Ao discutir representação, Stuart Hall destaca que a música opera “como uma linguagem”, (1997, p. 5, tradução nossa).[3] na medida em que utiliza elementos sonoros para comunicar sentimentos e ideias. A partir dessa perspectiva, a música pop pode ser compreendida como uma linguagem capaz de produzir sentidos, afetos e formas de reconhecimento compartilhadas culturalmente, participando da construção de sensibilidades e experiências sociais.

Esse movimento também se articula com uma estética marcada pelo intimismo e pela delicadeza, que se distancia de padrões mais grandiosos do pop tradicional. Em vez de narrativas espetaculares, o álbum privilegia situações cotidianas, emoções sutis e momentos de transição. Na canção *Ribs*, por exemplo, o medo de crescer é apresentado não como um evento isolado, mas como uma sensação que atravessa diferentes experiências da adolescência, especialmente em versos como “It feels so scary getting old” e “I want ’em back / The minds we had”, que expressam a saudade da forma como os jovens percebiam o mundo e a insegurança diante da passagem do tempo.

Nesse sentido, a canção evidencia como a música pop pode operar como um espaço de construção de afetos ligados a experiências juvenis, permitindo que os ouvintes reconheçam nessas narrativas aspectos de suas próprias vivências. Essa dimensão mais intimista contribui muito para a produção de identificação, na medida em que desloca o foco de grandes acontecimentos ou vivências específicas para sentimentos compartilháveis, reforçando o papel da música na construção de sentidos sobre si e sobre o mundo.

Como citado por Simon Frith “a identidade não é uma coisa, mas um processo” (FRITH, 1996, p. 110, tradução nossa)[4], o que permite compreender a escuta musical como um

---

[2] No original: “Meaning is what gives us a sense of our own ideníiíy, of who we are and with whom we 'belong'”.
[3] No original: “like a language"
[4] No original: “Identity is not a thing but a process.”

espaço no qual os sujeitos não apenas se identificam ou se expressam, mas também constroem suas identidades a partir dessas experiências mediadas pela música.

A partir dessa abordagem, a noção de autenticidade pode ser compreendida também em sua relação com processos de identificação. Na música pop, o "ser autêntico" não está necessariamente ligado a uma verdade essencial, mas sim à forma como determinados elementos são organizados para produzir uma noção de verdade que possa ser socialmente construída e reconhecida em um determinado contexto histórico e cultural pelos ouvintes.

No caso de *Pure Heroine*, essa construção pode ser observada na maneira como Lorde utiliza referências ao cotidiano, a uma vida sem muito luxo e a experiências comuns da juventude, como em *Royals*. Ao contrapor essas vivências a imagens de riqueza e ostentação presentes em outros produtos do pop, a artista constrói uma narrativa que se apresenta como mais próxima da vida do adolescente de classe média suburbana, ainda que mediada por escolhas estéticas. Isso aparece em versos como "But every song's like gold teeth, Grey Goose, trippin' in the bathroom" e "We don't care, we're driving Cadillacs in our dreams", nos quais a cantora reconhece o imaginário de luxo presente na música pop, mas o coloca em contraste com uma realidade distante desse padrão. Isso contribui para o efeito de intimidade, no qual os sujeitos podem reconhecer aspectos de suas próprias experiências.

Essa relação entre experiências individuais e repertórios culturais mais amplos pode ser compreendida também a partir do papel da mídia na produção de sentidos e identidades. Segundo Douglas Kellner:

> há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. [...] produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser [...] bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. (KELLNER, 2001, p. 9).

Esse raciocínio, compreende a música pop como parte desse circuito midiático mais amplo, no qual não apenas circulam narrativas, mas também modelos de identificação e formas de experiência.

Assim, no contexto de *Pure Heroine*, essa dinâmica se manifesta na forma como as narrativas intimistas presentes nas canções favorecem processos de identificação, permitindo que os ouvintes reconheçam nessas experiências elementos de sua própria trajetória. Esse reconhecimento não depende de correspondência literal entre vivências, mas da capacidade da

música de produzir uma sensação de proximidade, reforçando seu papel na construção de sentidos sobre si e sobre o mundo.

2.2Escuta e produção de sentido na música pop

A experiência de um show de Lorde evidencia como sua música opera para além da escuta individual, criando um ambiente coletivo em que diferentes vivências parecem se encontrar. Durante a apresentação realizada no Lollapalooza Brasil 2026, momentos em que o público cantava junto com a artista, reagia emocionalmente a determinadas canções ou iluminava o espaço com lanternas dos celulares, como durante a música *Ribs*, sugerem que aquelas narrativas, embora partam de experiências específicas e individuais, são compartilhadas e ressignificadas coletivamente.

Essa experiência durante o show também pode ser compreendida a partir da dimensão ritualística dos concertos de música popular. Como afirma Roy Shuker, "os concertos de música popular são fenômenos sociais complexos, envolvendo uma mistura de música e economia, ritual e prazer, tanto para os artistas quanto para o público" (SHUKER, 2016, p. 188, tradução nossa).[5] Nesse contexto, os shows funcionam não apenas como espaços de apresentação musical, mas também como ambientes de compartilhamento afetivo e produção de pertencimento coletivo. O autor afirma ainda que concertos de música popular frequentemente "celebram a juventude, não puramente como um grupo demográfico, mas a ideia de juventude" (SHUKER, 2016, p. 188, tradução nossa).[6] Dessa forma, a performance de Lorde e as interações estabelecidas com o público durante o show reforçam experiências associadas à juventude, como insegurança, intensidade emocional, transformação e identificação coletiva.

Ao longo da apresentação, diferentes performances e falas da cantora reforçavam essa sensação de proximidade com o público. Um dos momentos mais marcantes ocorreu antes da canção *Liability*, música lançada originalmente no álbum *Melodrama* (2017) e conhecida por abordar sentimentos de solidão, inadequação e medo de ser "demais" para os outros. Desde a era *Melodrama*, Lorde costuma interromper momentaneamente o ritmo do show antes dessa

[5] No original: "Popular music concerts are complex social phenomena, involving a mix of music and economics, ritual and pleasure, for both performers and audiences."
[6] No original: "celebrate youth, not purely as a demographic group, but the idea of youth."

música para conversar com a plateia em um tom mais íntimo e vulnerável. Embora esse discurso não seja exatamente igual em todas as apresentações, ele frequentemente gira em torno de inseguranças, crescimento, medo, relações afetivas e da dificuldade de compreender a própria experiência emocional. No show realizado no Lollapalooza Brasil 2026, a cantora afirmou que a realidade atual era diferente da que imaginava quando mais nova, refletindo sobre medos e incertezas relacionados ao amadurecimento.

Ao refletir sobre o fato de agora ter 29 anos, Lorde também relembrou sua primeira passagem pelo Brasil, dizendo que na época era apenas um bebê, enquanto hoje se percebia como uma espécie de irmã mais velha, destacando que ela e seus fãs cresceram juntos e atravessaram diversas fases ao longo dos anos.

Esse discurso contribui para a construção de uma relação de intimidade com seus ouvintes, especialmente ao enfatizar experiências compartilhadas da juventude, como inseguranças, excessos, transformações e sentimentos de pertencimento. Em outro momento, a cantora afirmou que, durante sua última vinda ao país, sentia-se "muito perdida, muito confusa" (tradução nossa)[7], e que uma das poucas coisas que a mantinham conectada com o mundo eram públicos como aquele. Ao dizer que, às vezes, não sabe exatamente o que é real ou o que é possível, mas que experiências coletivas como aquela ainda lhe traziam esperança, Lorde reforça uma ideia de conexão emocional entre artista e público.

Além disso, ao incentivar os fãs a "desmoronarem um pouco" durante o show, podendo chorar, gritar ou simplesmente sentir intensamente aquele momento, a artista também posicionava o espaço do espetáculo como um ambiente de compartilhamento coletivo.

Isso reforça a ideia de que a escuta não é um processo passivo, mas envolve formas de identificação, interpretação e atribuição de sentidos por parte dos ouvintes. Nesse sentido, a experiência musical ultrapassa a simples audição das canções, mobilizando memórias, afetos e relações coletivas que participam da maneira como a música é apropriada pelos sujeitos.

A partir dessa perspectiva, a escuta musical pode ser entendida como uma prática na qual os sujeitos articulam suas próprias vivências as narrativas presentes nas canções, estabelecendo relações afetivas e simbólicas com a música. Como sugere Bruno Souza Leal,

---

[7] No original: "very lost, very confused". LORDE BRASIL. **Discurso de "Liability".** Instagram: @ lordebrasill, 25 mar 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DWTyRBgAHJY/. Acesso em: 09 jun. 2026.

“A narrativa aqui não é entendida como uma modalidade textual, e sim como um modo através do qual experiências são organizadas e compartilhadas” (LEAL, 2022, p.9). Assim, a música pop se configura como um espaço no qual diferentes experiências podem ser apropriadas e reinterpretadas pelos seus ouvintes.

Dessa forma, pensar a escuta musical como uma prática de produção de sentidos permite também compreender o papel que a música desempenha na experiência juvenil. Nesse contexto, analisando a relação entre música e a juventude, Simon Frith afirma que a música faz parte do cotidiano dos jovens, ainda que seja necessário compreender de que forma ela é apropriada e vivida por eles. Frith afirma que “a presença da música na cultura juvenil está estabelecida, mas não o seu propósito” (FRITH, 1978, p. 39, tradução nossa)[8] apontando a importância dos sentidos que os próprios ouvintes atribuem as canções. Assim, pode-se entender a música pop como um espaço no qual experiências e emoções são elaboradas e compartilhadas, especialmente no contexto da adolescência, tema central para a análise do álbum *Pure Heroine*, de Lorde.

De forma complementar, Roy Shuker destaca que a música pop desempenha um importante papel na vida dos ouvintes, afirmando que “três fatores sustentam o consumo musical de todos esses públicos: o papel da música popular como uma forma de capital cultural, como uma fonte para a construção da identidade e como uma fonte de prazer para o público” (SHUKER, 2001, p. 193, tradução nossa).[9]

Ao discutir os usos pessoais e sociais da música, o autor destaca aspectos como entretenimento, construção de pertencimento, expressão emocional e formação identitária, evidenciando que a experiência musical ultrapassa a dimensão do consumo passivo. Nesse sentido, o consumo musical deve ser entendido como uma prática ativa, na qual os ouvintes produzem sentidos a partir de suas próprias experiências e relações culturais.

Essas experiências também podem ser compreendidas a partir da noção de escuta conexa proposta por Janotti Jr., Queiroz e Pires (2023). Para os autores, a experiência musical contemporânea não se limita apenas ao som ou ao ato de ouvir uma canção de forma isolada, mas envolve uma rede mais ampla de produtos midiáticos, performances, imagens, plataformas

[8] No original: “music's presence in youth culture is established, but not its purpose.”
[9] No original: “Three factors underpin the musical consumption of all these audi ences: the role of popular music as a form of cultural capital, as a source for the construction of identity, and as a source of audience pleasure.”

e interações que atravessam a circulação da música. Nesse sentido, a escuta musical passa a ser compreendida como uma prática expandida, articulada às dinâmicas das mídias digitais e às diferentes formas de engajamento entre artistas, obras e público.

Como afirma o autor, os atos de escutar música "integram música, videoclipes, entrevistas, apresentações ao vivo, lives, biografias, quiprocós nas redes sociais e modos de acesso aos conteúdos em streaming" (JANOTTI JR.; QUEIROZ; PIRES, 2023, p. 18). Assim, a escuta deixa de estar restrita apenas à dimensão sonora, passando a envolver também aspectos narrativos, imagéticos e afetivos que participam da construção de sentidos em torno da música.

Dessa forma, os sentidos produzidos no álbum também se articulam às narrativas construídas pela artista em entrevistas, discursos, redes sociais, videoclipes, declarações em redes sociais, roupas e nas próprias dinâmicas de interações com os fãs. Assim, a identificação produzida em torno de *Pure Heroine* não emerge apenas das letras das canções, mas de uma rede de experiências e mediações que ampliam a relação entre artista e público.

A partir dessas discussões, torna-se possível compreender a música pop como um espaço de produção também de narrativas da adolescência. No caso de *Pure Heroine*, essas narrativas não se limitam às letras das canções, mas são continuamente construídas pelos ouvintes em suas escutas, o que reforça a importância de analisar não apenas a obra em si, mas também os sentidos que emergem de sua recepção.

2.3Música pop, feminilidade e identificação

As relações entre música pop, juventude e identificação também atravessam questões de gênero. Historicamente, tanto artistas mulheres quanto públicos femininos foram frequentemente associados a formas culturais consideradas menos legítimas pela crítica musical, especialmente no universo do pop. Como destaca Roy Shuker, críticos apontam "a maneira como as garotas fãs e seus gostos musicais são frequentemente menosprezados" (SHUKER, 2001, p. 231, tradução nossa)[10], evidenciando como gostos musicais associados a garotas adolescentes muitas vezes são tratados de maneira pejorativa ou superficializada

[10] No original: "the manner in which girl fans and their musical tastes are often denigrated"

enquanto gêneros associados ao masculino, como o rock, costumam ser vinculados a ideias de autenticidade, profundidade e valor artístico.

Nesse contexto, experiências de intimidade, vulnerabilidade e expressão emocional presentes na música pop feminina frequentemente ocupam uma posição ambígua: ao mesmo tempo em que são centrais para processos de identificação afetiva, também costumam ser desvalorizadas dentro de hierarquias culturais da música. Dessa forma, artistas mulheres frequentemente negociam expectativas relacionadas à autenticidade, à performance emocional e à legitimidade artística.

Embora a música pop seja frequentemente associada e endereçada pela indústria fonográfica à audiências femininas, a circulação e a apropriação dessas obras evidenciam públicos mais diversos. No caso de artistas como Lorde, temas recorrentes como inadequação, ansiedade, pertencimento e transformação juvenil produzem formas de identificação que extrapolam marcadores normativos de gênero, alcançando também públicos LGBTQIA+, especialmente homens gays, cuja relação histórica com a cultura pop tem sido amplamente observada em fandoms, comunidades digitais e práticas de consumo musical. Nesse sentido, a força dessas narrativas reside menos em seu direcionamento a um público específico e mais na capacidade de articular experiências emocionais compartilhadas.[11]

No caso de Lorde, essa construção aparece na maneira como suas músicas articulam sentimentos de inadequação, ansiedade, pertencimento e transformação juvenil a partir de uma estética simples e intimista. Em *Pure Heroine*, experiências associadas à adolescência feminina são apresentadas não de forma espetacularizada, mas através de narrativas cotidianas, vulneráveis e reflexivas, favorecendo processos de identificação entre ouvintes que compartilham sentimentos semelhantes.

Essa dimensão também se manifesta nos espaços digitais de circulação e recepção da música. Em plataformas como o YouTube, vídeos de reação e reescuta do álbum frequentemente mobilizam relatos pessoais, memórias afetivas e experiências emocionais compartilhadas por mulheres que revisitam as músicas a partir de suas próprias trajetórias.

[11] Embora reconheçamos a relevância da obra de Lorde para públicos LGBTQIA+ e a importância dessas relações para a compreensão de sua circulação cultural, as limitações de escopo da presente pesquisa não permitem explorar adequadamente essa dimensão. Assim, a análise concentra-se principalmente nas formas de identificação e pertencimento mobilizadas entre ouvintes mulheres, recorte que orienta o trabalho.

Assim, a experiência musical se articula também à construção de comunidades afetivas e formas coletivas de reconhecimento mediadas pelas plataformas digitais.

As relações entre música pop, juventude e identificação também atravessam questões de gênero. Como apontam Angela McRobbie e Jenny Garber, garotas frequentemente aparecem de forma marginal nas análises sobre culturas juvenis: "Nós nos encontramos nas culturas dos homens como 'por sinal' e periféricas. De acordo com todas as reflexões, nós não estamos realmente lá" (McROBBIE; GARBER, 1978, p. 2, tradução nossa)[12]. As autoras discutem como meninas e jovens mulheres foram historicamente invisibilizadas nos estudos sobre subculturas e frequentemente associadas a formas culturais consideradas menos legítimas, especialmente no universo do pop.

Nesse contexto, formas de engajamento ligadas ao universo feminino — como fandoms, consumo de música pop e identificação com ídolos juvenis, muitas vezes foram interpretadas como práticas passivas ou superficiais. No entanto, ao discutir culturas juvenis femininas, McRobbie e Garber destacam que garotas "estão, de fato, sendo ativas" (McROBBIE; GARBER, 1978, p. 13, tradução nossa)[13], enfatizando que essas práticas também envolvem produção de sentido, pertencimento e construção identitária.

2.4Autenticidade no pop

A discussão sobre a produção de sentido que surge da escuta, possibilita avançar na compreensão de como os sentidos atribuídos à música também estão relacionados a percepções de valor e verdade que foram construídas socialmente. Nesse contexto, o conceito de autenticidade se torna central para pensar também música pop, ou seja, não apenas como uma qualidade das obras ou artistas, mas como algo que emerge das relações entre produção, circulação e recepção.

Como aponta Simon Frith, frequentemente o canto e a performance musical são percebidos como formas de expressão pessoal: "o cantar ainda me parece a forma mais bruta de expressão pessoal" (FRITH, 1996, p. 94, tradução nossa).[14] Ao mesmo tempo, essa

[12] No original: "We encounter ourselves in men's cultures as 'by the way' and peripheral. According to all the reflections we are not really there."
[13] No original: "are indeed being active"
[14] No original: "singing still seems to me the rawest form of personal experssion"

percepção confronta o fato de que “a maior parte da música que ouvimos agora, em público ou no privado, foi produzida e reproduzida mecanicamente” (FRITH, 1996, p. 93, tradução nossa)[15], evidenciando o componente industrial da música contemporânea e desafiando a noção de autenticidade como algo puramente natural.

O próprio Frith ressalta essa contradição ao afirmar que “o contraste entre a música como expressão e a música como mercadoria define a experiência pop do século vinte” (FRITH, 1996, p. 93, tradução nossa)[16]. Dessa forma, a música pop é marcada por essa constante mistura entre expressão subjetiva e lógica mercadológica, o que impede a compreensão de autenticidade como algo fixo ou essencial.

Mesmo considerando as transformações recentes da produção musical, marcadas pela intensa mediação tecnológica da voz, essa discussão permanece relevante para pensar a música pop contemporânea. Em *Pure Heroine*, da Lorde, a construção de autenticidade aparece também na centralidade da performance vocal da artista, frequentemente percebida como mais grave e madura do que o esperado para sua idade na época do lançamento do álbum. Além disso, os arranjos simples e a presença reduzida de elementos instrumentais contribuem para destacar a voz, produzindo um efeito de intimidade e proximidade.

Nesse sentido, a autenticidade pode ser entendida como um efeito performático. Ela não vem da origem da obra, mas nas formas em que a música é percebida. Como sugere Frith: “a ‘industrialização da música’ não pode ser entendida como algo que acontece com a música, mas descreve um processo no qual a própria música é feita” (FRITH, 1996, p. 94, tradução nossa)[17], ou seja, a música já nasce dentro dessas condições, e é nesse processo que a autenticidade é construída.

Outro aspecto fundamental é o papel do público nesse processo. A autenticidade não está apenas na obra ou no artista, mas também na forma como ela é experenciada pelos ouvintes. Mesmo produtos mediados pela indústria podem ser vistos como autênticos. Assim como foi sugerido anteriormente dentro do contexto das escutas conexas (JANOTTI JR.; QUEIROZ;

---

[15] No original: ”Most of the music we hear now, in public or private, has been mechanically produced and reproduced.”
[16] No original: “the contrast between music as expression and music as commodity defines twentieth-century pop experience”
[17] No original: ”The "industrialization of music" can't be understood as something that happens to music but describes a process in which music itself is made”

PIRES, 2023), os ouvintes não apenas consomem música, mas também constroem sentidos a partir de elementos que atravessam a circulação da artista, como entrevistas, discursos em shows, postagens em redes sociais, performances, videoclipes, capas de álbuns e outras dimensões visuais e narrativas associadas à música. Dessa forma, a experiência musical é apropriada de maneira pessoal e afetiva pelos sujeitos, que articulam diferentes referências na construção de suas interpretações sobre o artista e sua obra.

Essa discussão é relevante ao analisar o *Pure Heroine*, já que o álbum foi amplamente associado a uma ideia de autenticidade no cenário em que ele foi inserido no pop, cujas produções eram completamente diferentes no mainstream da época. Essa percepção não parte apenas das músicas em si, mas da articulação entre diferentes elementos: as letras, sonoridade simplista e as declarações da artista que posicionaram Lorde como uma voz "diferente" dentro do gênero.

É importante considerar que diferentes gêneros musicais são associados a valores distintos de autenticidade. Como observado por Dave Hill, "o pop implica um conjunto de valores muito diferente do rock. O pop não faz rodeios sobre ser comercial. [...] O rock, por outro lado, gostava de pensar que era de alguma forma mais profundo, não conformista, autodirigido e inteligente" (HILL, 1986, p. 8, tradução nossa)[18]. Essa distinção evidencia como o pop é frequentemente associado ao comercial e ao superficial, enquanto outros gêneros reivindicam maior autenticidade artística.

No entanto, artistas da música pop contemporânea frequentemente tensionam essas fronteiras. Ainda que o pop historicamente já tenha incorporado debates políticos, sociais e subjetivos em diferentes momentos, observa-se uma valorização cada vez maior de discursos associados à vulnerabilidade, intimidade e autenticidade emocional. No caso de *Pure Heroine*, da Lorde, embora o álbum esteja inserido no universo do pop, sua construção estética mobiliza valores tradicionalmente associados ao rock e ao indie, como introspecção, simplismo e oposição simbólica aos excessos do mainstream. Em *Royals*, por exemplo, a crítica às imagens de luxo e ostentação recorrentes na cultura pop contribui para construir uma percepção de

[18] No original: "Pop implies a very different set of values to rock. Pop makes no bones about being mainstream. [...] Rock on the other hand, has liked to think it was somehow more profound, non-conformist, self-directed and intelligent."

autenticidade ligada à simplicidade e ao distanciamento de fórmulas mais espetaculares do gênero.

Além disso, a centralidade da voz, os arranjos simples e a atmosfera intimista do álbum reforçam uma ideia de expressão subjetiva frequentemente associada a valores de legitimidade artística historicamente vinculados ao rock. Dessa forma, Lorde articula elementos tradicionalmente entendidos como "autênticos" dentro do próprio universo da música pop, evidenciando como essas categorias são instáveis e culturalmente construídas.

No caso de Lorde, o posicionamento artístico dela reconfigura hierarquias existentes ao utilizar uma estética que, embora inserida no pop, busca se diferenciar do que estava sendo produzido. Assim, a autenticidade no *Pure Heroine* se revela como uma construção cultural atravessada por disputas simbólicas de valor. No contexto do álbum, ela é um efeito produzido na interseção entre a obra, artista, indústria e público.

Assim, essa busca por autenticidade não se restringe ao campo da música, mas também atravessa a experiência dos próprios sujeitos. Assim, a adolescência em especial se configura como um momento central nesse processo, no qual segundo Mutschler e Silva, "emerge a busca por autenticidade: o desejo de existir de forma coerente com aquilo que se sente e se é." (MUTSCHLER; SILVA, 2026, p. 3).

Se, no campo da música, a autenticidade emerge das relações entre obra, artista e público, na experiência dos sujeitos ela se manifesta como parte de um processo mais amplo da elaboração e criação da identidade de si.

3 ENTRE ESCUTAS, NARRATIVAS E INTERPRETAÇÕES: PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa possui caráter qualitativo e se desenvolve a partir da análise cultural e midiática do álbum *Pure Heroine*, da artista Lorde, buscando compreender de que forma a obra constrói narrativas sobre a adolescência por meio da articulação entre letras, sonoridades, estética visual, declarações públicas da artista e interpretações produzidas em conteúdos digitais.

A escolha por uma abordagem qualitativa ocorre porque o objetivo da pesquisa não está em quantificar recepções ou medir impacto de consumo, mas em interpretar sentidos produzidos culturalmente a partir da obra e dos discursos que se articulam ao seu redor. Nesse sentido, o trabalho considera a música pop como um espaço de produção de significados, no qual músicas, imagens, performances e discursos midiáticos participam da construção de representações sociais e afetivas da juventude.

O corpus principal da pesquisa é composto pelo álbum *Pure Heroine*, lançado em 2013, com foco em suas letras, construções sonoras e elementos estéticos. A análise considera não apenas o conteúdo verbal das músicas, mas também aspectos relacionados à performance vocal, à instrumentalização, ao ritmo, à produção musical e às atmosferas construídas ao longo das faixas. Dessa forma, entende-se a música pop como uma linguagem multimodal, na qual diferentes elementos contribuem conjuntamente para a produção de sentidos.

Além das músicas, também integram o corpus materiais complementares produzidos pela própria artista, como entrevistas, declarações em vídeo, conteúdos promocionais e falas relacionadas ao processo criativo do álbum. Esses materiais são utilizados como forma de compreender quais experiências, referências e percepções sobre adolescência foram mobilizadas por Lorde na construção da obra, especialmente em relação a temas como cotidiano suburbano, autenticidade, tédio, fama, identidade e juventude.

A pesquisa também incorpora conteúdos produzidos em plataformas digitais, especialmente vídeos de reação e análise publicados no YouTube por criadoras de conteúdo mulheres. A escolha desse recorte ocorre porque esses vídeos permitem observar como determinadas interpretações sobre adolescência, autenticidade e experiência juvenil são

retomadas, compartilhadas ou ressignificadas por espectadoras contemporâneas da obra. Assim, os reacts são compreendidos não apenas como comentários opinativos, mas como práticas interpretativas que também produzem sentidos sobre o álbum e sobre as representações presentes nele.

Nesse contexto, a análise busca identificar aproximações e recorrências entre os sentidos produzidos pela obra, pelas declarações da artista e pelas leituras realizadas pelas criadoras de conteúdo. Dessa forma, interessa compreender de que maneira elementos como a melancolia, o tédio suburbano, a autocrítica, a busca por autenticidade e o distanciamento performático aparecem tanto nas músicas quanto nas interpretações produzidas nos vídeos analisados.

A escolha por analisar o álbum faixa a faixa parte da própria estrutura de *Pure Heroine*. Embora as músicas possam ser escutadas individualmente, o disco apresenta forte unidade temática e estética, desenvolvendo de maneira progressiva questões relacionadas à juventude, fama, pertencimento, consumo e amadurecimento. Assim, a análise individual das faixas permite observar especificidades de cada canção, enquanto a observação do álbum como conjunto possibilita compreender as conexões narrativas e sonoras estabelecidas entre elas.

A inclusão de entrevistas, declarações públicas e materiais produzidos pela própria artista busca ampliar a compreensão dos processos criativos envolvidos na construção do álbum. Esses materiais não são utilizados como explicação definitiva para os sentidos das músicas, mas como elementos que ajudam a contextualizar referências, experiências e percepções mobilizadas por Lorde durante a produção da obra, especialmente em relação a temas recorrentes como cotidiano suburbano, autenticidade, exposição pública e juventude.

A análise das dimensões lírica e sonora ocorre a partir do entendimento de que os sentidos produzidos pela música pop não se restringem ao conteúdo verbal das canções. Em *Pure Heroine*, aspectos como silêncios, espacialidade, repetição, camadas vocais, ritmos e escolhas de produção desempenham papel fundamental na construção das atmosferas e experiências emocionais associadas às músicas. Dessa forma, letras e sonoridades são compreendidas como elementos complementares na produção de significados.

Os vídeos analisados foram selecionados entre produções publicadas no YouTube entre 2020 e 2026, período que corresponde aproximadamente a uma década após o lançamento de *Pure Heroine*. Optou-se por criadoras de conteúdo mulheres devido à proximidade

geracional e temática com diversas experiências abordadas no álbum, especialmente aquelas relacionadas à juventude, pertencimento, identidade, fama e amadurecimento. Além disso, a distância temporal em relação ao lançamento permite observar como as músicas continuam sendo interpretadas, ressignificadas e apropriadas por ouvintes contemporâneas, evidenciando a persistência cultural da obra para além de seu contexto original de circulação.

Nesse sentido, os vídeos de reação e análise são compreendidos não apenas como registros de recepção individual, mas como espaços de escuta compartilhada nos quais as criadoras procuram traduzir em palavras sensações, emoções e interpretações produzidas pela experiência musical. Tal perspectiva torna-se especialmente relevante em um álbum como *Pure Heroine*, cuja construção estética frequentemente se apoia em atmosferas, silêncios e elementos sonoros difíceis de descrever de forma objetiva. Assim, os comentários produzidos pelas criadoras contribuem para compreender como os sentidos da obra continuam sendo negociados, atualizados e compartilhados coletivamente.

Os vídeos analisados nesta pesquisa foram produzidos por três criadoras de conteúdo brasileiras que atuam na plataforma YouTube e desenvolvem conteúdos relacionados à música pop, cultura digital e entretenimento. A seleção considerou a presença de análises dedicadas ao álbum Pure Heroine, a produção recorrente de conteúdos interpretativos sobre música e a relevância de seus canais dentro de nichos ligados à cultura pop.

Jennifer Prioli é criadora de conteúdo digital, streamer e youtuber brasileira. Em seu canal, que reúne aproximadamente 167 mil inscritos, produz conteúdos relacionados à cultura pop, entretenimento, reality shows, fenômenos da internet e música. Seus vídeos combinam humor, comentários sobre acontecimentos do universo digital e análises de produtos culturais, frequentemente articulando observações sobre narrativas, performances e representações presentes nas obras discutidas. Embora seu conteúdo não seja exclusivamente voltado para música, suas reações e comentários sobre artistas e álbuns mobilizam leituras interpretativas que dialogam com questões de identidade, fama, comportamento e cultura midiática.

Analu TV é um canal dedicado à análise de música pop e alternativa, reunindo aproximadamente 44 mil inscritos. Seus vídeos abordam trajetórias de artistas, interpretações de álbuns, videoclipes e aspectos da indústria musical. O canal dedica atenção especial a artistas que considera subvalorizados comercialmente, produzindo análises aprofundadas sobre suas obras e contextos de circulação.

Mari Bianchini é criadora de conteúdo voltada para música pop, séries, cinema e entretenimento. Formada em Comunicação e Multimeios pela Universidade Estadual de Maringá, utiliza o canal como espaço para análises culturais e comentários sobre produtos midiáticos contemporâneos. Com aproximadamente 120 mil inscritos, seus vídeos frequentemente combinam informações contextuais sobre artistas e obras com interpretações pessoais e críticas.

A escolha dessas criadoras também se relaciona ao fato de seus vídeos terem sido produzidos entre 2021 e 2026, cerca de uma década após o lançamento de Pure Heroine. Essa distância temporal permite observar como o álbum continua sendo interpretado e ressignificado por ouvintes contemporâneas, evidenciando a persistência de suas temáticas e sua relevância cultural para diferentes gerações de fãs.

A análise foi orientada por perspectivas teóricas que compreendem a música pop como espaço de produção de representações, experiências e formas de pertencimento. As discussões de Stuart Hall (1997) sobre representação contribuem para compreender as canções como práticas culturais produtoras de sentidos, enquanto os estudos de Roy Shuker (2016) auxiliam na análise da música pop como fenômeno social relacionado à juventude, à identificação e às experiências coletivas de escuta. Também dialoga com a noção de narrativas como formas de organização e compartilhamento da experiência proposta por Leal (2022), permitindo observar como as vivências presentes nas músicas são apropriadas e ressignificadas pelos ouvintes.

Além disso, a pesquisa aproxima-se das reflexões de Janotti Jr., Queiroz e Pires (2023) sobre as práticas contemporâneas de escuta musical, entendidas como experiências que ultrapassam o contato isolado com a canção e passam a envolver comentários, análises, plataformas digitais e processos coletivos de interpretação. Essa perspectiva é particularmente relevante para a análise de Pure Heroine, álbum cuja construção sonora é marcada por silêncios, espaços vazios, camadas vocais e atmosferas sutis que frequentemente demandam processos de tradução, compartilhamento e elaboração discursiva por parte dos ouvintes. Nesse contexto, os vídeos analisados não são compreendidos apenas como reações individuais, mas como espaços de escuta compartilhada nos quais diferentes sujeitos atribuem sentidos às músicas, verbalizam percepções sobre elementos sonoros e líricos e constroem coletivamente interpretações sobre a obra.

A análise será desenvolvida a partir do exame individual de cada faixa da edição standard de *Pure Heroine*. Embora o álbum apresente forte unidade temática e estética, entende-se que cada música mobiliza de maneira particular questões relacionadas à juventude, pertencimento, fama, consumo e amadurecimento. Assim, a investigação parte da análise faixa a faixa, buscando compreender tanto as especificidades de cada canção quanto as conexões narrativas e sonoras que se estabelecem ao longo do álbum como um todo.

Como procedimento metodológico, será realizada análise interpretativa das faixas do álbum, articulando três dimensões principais:

a) dimensão lírica, observando temas recorrentes, narrativas, construções imagéticas e representações da adolescência presentes nas letras;

b) dimensão sonora e performática, considerando elementos como produção musical, instrumentalização, ritmo, repetição, atmosfera, interpretação vocal e construção estética das músicas;

c) dimensão discursiva e midiática, analisando entrevistas, declarações da artista e conteúdos produzidos por criadoras digitais sobre as músicas e o álbum.

A operacionalização da análise ocorrerá a partir do exame individual das faixas selecionadas do álbum. Em cada música, serão articuladas as três dimensões propostas, lírica, sonora e discursiva, de modo a compreender como diferentes elementos contribuem conjuntamente para a construção de representações da adolescência. Assim, entrevistas e declarações da artista, aspectos sonoros e performáticos das canções e interpretações produzidas por criadoras de conteúdo no YouTube serão analisados em relação a cada faixa, buscando identificar convergências, tensões e recorrências nos sentidos produzidos em torno da obra.

A análise parte do entendimento de que os sentidos não estão presentes exclusivamente nas letras das canções, mas são produzidos na articulação entre obra, performance, circulação midiática e recepção cultural. Assim, as interpretações das criadoras de conteúdo não serão tratadas apenas como recepção individual, mas como discursos que ajudam a reforçar, ampliar ou reorganizar determinadas leituras sobre adolescência presentes em *Pure Heroine*.

Dessa forma, entende-se a música pop como uma linguagem multimodal, na qual diferentes elementos contribuem conjuntamente para a produção de sentidos. Essa perspectiva dialoga com discussões sobre as práticas contemporâneas de escuta musical, compreendidas como experiências que articulam música, circulação digital, imagens, comentários e interações

em rede (JANOTTI JR.; QUEIROZ; PIRES, 2023). Também considera que a experiência da escuta frequentemente envolve tentativas de compartilhar, traduzir e atribuir sentidos àquilo que é percebido sonoramente, especialmente diante de elementos musicais que não se manifestam apenas por meio da linguagem verbal. Tal aspecto torna-se particularmente relevante em *Pure Heroine*, álbum marcado por silêncios, espacialidade, camadas vocais e construções atmosféricas que frequentemente produzem sensações difíceis de descrever de forma objetiva. Assim, a análise considera não apenas as canções em si, mas também os discursos, interpretações e descrições produzidos em torno delas, compreendendo-os como parte dos processos de construção de sentidos sobre a obra.

Por fim, a pesquisa busca compreender como essa articulação entre música, estética, discurso e recepção contribuiu para posicionar Lorde como uma figura associada a representações de autenticidade juvenil dentro do cenário do pop da década de 2010, em contraste com tendências predominantes do pop mainstream daquele período.

4 A CONSTRUÇÃO DA ADOLESCÊNCIA EM *PURE HEROINE:* UMA ANÁLISE FAIXA A FAIXA

Ao longo deste capítulo, propõe-se que a leitura das análises seja acompanhada pela escuta das faixas de *Pure Heroine*, considerando que muitos dos sentidos discutidos emergem não apenas das letras, mas também das escolhas sonoras, vocais e atmosféricas presentes no álbum. Em *Pure Heroine*, a construção das faixas parte de experiências cotidianas e percepções pessoais da própria Lorde, frequentemente associadas à adolescência, ao espaço suburbano e às transformações vividas pela artista naquele momento. Em diferentes entrevistas, Lorde descreve seu processo criativo como algo ligado à observação de situações, imagens e sensações específicas que posteriormente eram traduzidas em música como em conversa com o produtor do álbum Joel Little, "E eu vinha coletando algumas das imagens [em *Pure Heroine*] desde antes de ser até mesmo uma adolescente, em alguns casos" (Lorde, 2023, tradução nossa).[19]

Essa dimensão geracional também aparece na recepção do álbum em vídeos de análise publicados no YouTube. Em vídeo[20] sobre *Pure Heroine*, a youtuber Analu TV afirma que o disco "mudou uma geração" ao trazer críticas à fama, à cultura pop e às angústias adolescentes de jovens que cresceram "fora da elite e dos holofotes de Hollywood". A criadora destaca ainda que, pela primeira vez, muitos ouvintes jovens encontravam no pop mainstream experiências e sentimentos próximos de sua própria realidade cotidiana, especialmente em relação ao tédio suburbano, às inseguranças juvenis e à sensação de deslocamento social.

Dessa forma, as canções do álbum não se constroem apenas através das letras, mas também por meio de atmosferas, referências afetivas e escolhas estéticas que contribuem para a produção de sentidos relacionados à juventude, intimidade e pertencimento.

Antes de analisar individualmente as faixas de *Pure Heroine*, é importante destacar alguns aspectos gerais da construção sonora do álbum. Diferente de produções pop marcadas

---

[19] No original: "And I'd been collecting some of the images [on Pure Heroine] since before I was even a teenager, in some cases." LORDE. **Pure Heroine: 10 Year Anniversary Dispatch** (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

[20] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.

pelo excesso de camadas instrumentais e grandes explosões sonoras, *Pure Heroine* aposta em arranjos simplistas, nos quais a ausência ou redução de determinados elementos musicais passa a ter papel fundamental na construção da atmosfera das canções. Esse esvaziamento sonoro produz uma sensação de profundidade e intimidade que direciona a atenção do ouvinte para a voz, para a interpretação vocal e para as letras. Nesse sentido, a sonoridade do álbum dialoga com influências do R&B contemporâneo e do hip hop, especialmente no uso de seções de ritmo arranjados exclusivamente por sons percussivos sintetizados (eletrônicos), executados de forma contida; graves também produzidos por sintetizadores, bem marcados e prolongados; pausas, repetições e estruturas que privilegiam o ritmo da fala; e a construção atmosférica das músicas com o emprego criterioso de reverberação digital. Assim, o simplismo presente em *Pure Heroine* não representa necessariamente ausência de elaboração estética, e sim uma estratégia que contribui para reforçar os sentimentos de introspecção, tédio suburbano e vulnerabilidade juvenil presentes ao longo do álbum. Além disso, nota-se que toda a seção instrumental das canções é arranjada para dar o máximo de espaço possível para a voz de Lorde, que nunca é colocada em segundo plano, muito menos tem outros elementos sonoros roubando o espaço das suas frequências sonoras: os elementos melódicos e rítmicos ficam nos grade e nos agudos, deixando os médios para sua voz.

Além disso, um dos aspectos recorrentes na construção pública de *Pure Heroine* é a maneira como Lorde articula experiência pessoal e observação social. Durante a divulgação de uma era posterior de sua carreira, a artista utilizou em produtos oficiais da turnê a expressão “teenage social scientist” (cientista social adolescente, tradução nossa) para caracterizar o universo de *Pure Heroine*, evidenciando uma percepção de si não apenas como participante da experiência juvenil retratada no álbum, mas também como observadora desse universo. Essa perspectiva será importante para compreender como as narrativas presentes nas músicas oscilam entre intimidade, distanciamento crítico e análise social da juventude contemporânea.

A própria performance vocal de Lorde também contribui para o distanciamento estético de *Pure Heroine* em relação ao pop mainstream do início da década de 2010. Em um contexto marcado por produções mais carregadas, refrões explosivos e vocais excessivamente processados, a artista constrói interpretações mais contidas, graves e simples, frequentemente sustentadas por instrumentais esvaziados e poucos elementos sonoros.

Em análise do álbum[21], a youtuber Analu TV também identifica essa construção de oposição entre “eles” e “nós” como uma das principais estruturas narrativas de *Pure Heroine*. Segundo a criadora, Lorde estabelece constantemente uma divisão entre “as pessoas ricas da elite” e “ela e os amigos dela que cresceram sem muitos recursos materiais”, transformando experiências suburbanas e juvenis em formas de pertencimento coletivo.

Nesse sentido, a voz de Lorde passa a ocupar posição central nas músicas, produzindo uma sensação de intimidade e proximidade raramente presente no pop radiofônico daquele período. Mais do que buscar performances vocais grandiosas, *Pure Heroine* aposta em interpretações marcadas pela contenção, pela repetição e pela exposição da própria voz da artista.

A interpretação vocal de Lorde também se caracteriza pelo alongamento de sílabas e letras, além de frases arrastadas, produzindo uma performance que frequentemente se distancia do dinamismo tradicional da música pop. Em vez de priorizar ritmo, explosão vocal ou uma voz altamente maquiada, a artista constrói uma forma de cantar marcada pela desaceleração, pelo controle e pela suspensão, reforçando sensações de tédio, introspecção e distanciamento presentes ao longo do álbum.

4.1Tennis Court

4.1.1Construção lírica, autocrítica e imaginário adolescente

Na faixa de abertura do álbum, *Tennis Court*, a construção musical surge inicialmente a partir de uma imagem visual associada à nostalgia e familiaridade. Em entrevista à VH1, Lorde afirma que “a ideia de uma quadra de tênis é visualmente muito bonita para mim” (Lorde, 2013, tradução nossa)[22], relacionando essa imagem a referências recorrentes em plataformas como o Tumblr e ao imaginário visual que atravessava a construção estética da era *Pure Heroine*.

---

[21] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.

[22] No original: “The idea of a tennis court is very visually beautiful to me”.O'KEEFE, Meghan. YOK **Artist Lorde Reveals The "Grandeur" Behind Her Next Single "Tennis Court".** VH1 News, 17 set. 2013. Disponível em: https://www.vh1.com/news/o70v93/lorde-tennis-court. Acesso em: 17 mar. 2026.

No entanto, a quadra de tênis não aparece apenas como um elemento visualmente atrativo, mas também como um símbolo afetivo ligado à memória e ao espaço suburbano vivido pela artista. Na mesma entrevista, Lorde descreve o espaço como "um símbolo de nostalgia"[23], algo "familiar e seguro" (Lorde, 2013, tradução nossa)[24], contrastando essa sensação de estabilidade com as transformações que começavam a atravessar sua vida naquele momento.

Esse contraste entre familiaridade e mudança se torna central na construção do álbum, especialmente ao articular experiências cotidianas da adolescência com o impacto da ascensão repentina à fama.

Essa leitura também aparece na recepção da faixa no YouTube. Ao analisar *Tennis Court*, Mari Bianchini[25] observa que a música antecipa preocupações relacionadas à fama e à perda de privacidade, destacando versos como "How can I fuck with the fun again when I'm known?". Segundo a youtuber, a canção evidencia a percepção de que o reconhecimento público poderia transformar experiências ordinárias da juventude, limitando a espontaneidade e a liberdade que caracterizavam aquele momento da vida da artista. Essa interpretação reforça a maneira como a faixa articula, desde a abertura do álbum, tensões entre adolescência, visibilidade e autenticidade.

Em reação publicada no YouTube, Jennifer Prioli[26] também relaciona a faixa à experiência adolescente vivida por Lorde durante a composição do álbum, destacando que a artista ainda estava inserida naquele universo juvenil e suburbano retratado nas músicas. A youtuber enfatiza ainda a presença de uma autocrítica incomum para a idade da cantora, observando que, ao mesmo tempo em que Lorde critica determinados comportamentos juvenis e performances de autenticidade, a própria canção também encena esse distanciamento performático. Segundo Prioli, a música evidencia uma postura em que "parecer que não está

---

[23] No original: "a symbol of nostalgia". O'KEEFE, Meghan. YOK **Artist Lorde Reveals The "Grandeur" Behind Her Next Single "Tennis Court".** VH1 News, 17 set. 2013. Disponível em: https://www.vh1.com/news/o70v93/lorde-tennis-court. Acesso em: 17 mar. 2026.

[24] No original: "familiar and safe". O'KEEFE, Meghan. YOK **Artist Lorde Reveals The "Grandeur" Behind Her Next Single "Tennis Court".** VH1 News, 17 set. 2013. Disponível em: https://www.vh1.com/news/o70v93/lorde-tennis-court. Acesso em: 17 mar. 2026.

[25] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE** | #outrasprimavERAS. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

[26] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

nem aí" surge como uma forma de construção artística e estética, aspecto que atravessa diferentes momentos de *Tennis Court*. Ao comentar a música, Prioli afirma que Lorde "critica os outros, mas também está se criticando", ressaltando a dimensão ambígua presente na faixa.

4.1.2Simplicidade sonora e atmosfera melancólica

Além das letras, a própria construção sonora de *Tennis Court* participa ativamente da produção da atmosfera melancólica e observadora que atravessa a faixa. A produção mais simples de Joel Little utiliza poucos elementos instrumentais, marcados por sintetizadores secos, graves profundos e espaços vazios entre as batidas, criando uma sensação constante de suspensão e distanciamento. Diferente das produções mais carregadas predominantes no pop mainstream do início da década de 2010, a música evita explosões sonoras e refrões excessivamente expansivos, mantendo uma tensão contínua ao longo da faixa.

A estrutura sonora da faixa contribui ainda para a construção de sensações associadas ao tédio suburbano e à suspensão temporal. Em seu vídeo de reação, Jennifer Prioli[27] também destaca o crescimento gradual da instrumentalização da faixa, descrevendo a música como "elástica" e associando a expansão da batida à imagem de círculos se formando na água após o impacto de uma pedra. A percepção da youtuber dialoga com a estrutura simples da composição, marcada pela repetição, pela expansão progressiva dos sintetizadores e pela manutenção constante da tensão sonora ao longo da música. A repetição do beat, os espaços vazios e a desaceleração constante da interpretação vocal produzem uma atmosfera noturna e introspectiva, transformando experiências aparentemente ordinárias da juventude em espaços de reflexão, distanciamento e observação social.

Logo na abertura de *Tennis Court*, a performance vocal de Lorde já contribui para a construção da atmosfera de tédio e distanciamento presente na música. Ao cantar "Don't you think that it's boring how people talk?", a artista utiliza uma interpretação contida, arrastada e pouco enérgica, fazendo com que a própria sonoridade da voz incorpore o sentimento de apatia mencionado na letra. Dessa forma, o tédio não aparece apenas como tema discursivo, mas

---

[27] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

também como elemento performático da canção. Essa percepção também aparece na recepção da faixa no YouTube, quando Prioli comenta que Lorde “canta entediada” ao interpretar o verso “well, I’m bored”, associando diretamente a performance vocal da artista à atmosfera de apatia construída pela música.

A própria atmosfera sonora da faixa, marcada por produção e vocais mais contidos e energia melancólica, reforça essa sensação de distanciamento e observação presente ao longo do *Pure Heroine*. Dessa forma, *Tennis Court* sintetiza uma das principais estratégias do álbum: transformar imagens, espaços e experiências aparentemente ordinárias em narrativas carregadas de intimidade, nostalgia e reflexão sobre a juventude.

4.2 *400 Lux*

4.2.1Cotidiano suburbano, intimidade e pertencimento juvenil

Na segunda faixa do álbum, *400 Lux*, a experiência juvenil é construída a partir de situações cotidianas aparentemente simples, como dirigir sem rumo, passar o tempo nos subúrbios e conversar dentro de um carro. Diferente de narrativas grandiosas frequentemente associadas ao pop mainstream, a faixa transforma momentos banais em experiências emocionalmente significativas, produzindo uma sensação de intimidade e reconhecimento.

O título da faixa faz referência ao lux, unidade de medida utilizada para quantificar a intensidade da luz. Aproximadamente 400 luxes correspondem à luminosidade de um amanhecer ou entardecer, imagem que dialoga diretamente com a atmosfera de transição e suspensão presente na canção.

Essa dimensão pode ser percebida em versos como “I love these roads where the houses don’t change”, nos quais a repetição visual das ruas suburbanas deixa de representar apenas monotonia e passa a funcionar como espaço de familiaridade e pertencimento. Em vez de buscar escapar desse cenário, estratégia frequentemente usada na música pop, a música encontra justamente nele uma forma de conexão afetiva, construindo uma representação da adolescência marcada pela persistência, pelo tédio compartilhado e pelas pequenas experiências do cotidiano.

Essa percepção também aparece na recepção da faixa em vídeos de reação publicados no YouTube. Ao comentar *400 Lux*, Jennifer Prioli[28] relaciona a música à experiência de viver a repetição e o tédio cotidiano ao lado de alguém, observando que a canção retrata situações em que "não tem nada para dizer, não tem nada para fazer", mas nas quais a companhia da outra pessoa torna essa experiência significativa. A youtuber também destaca a imagem das "mesmas casas" presentes na música, associando a repetição dos espaços suburbanos à construção de intimidade e afeto. Em sua interpretação, a força emocional da faixa não está em grandes acontecimentos, mas justamente na simplicidade das experiências compartilhadas.

Prioli também aproxima a música da experiência dos primeiros relacionamentos adolescentes, afirmando que a faixa seria "muito mais bonita que várias canções de amor escritas por pessoas adultas que já estão calejadas", ressaltando a maneira como *400 Lux* constrói uma narrativa afetiva marcada pela descoberta, pela simplicidade e pela idealização característica das primeiras experiências amorosas. A percepção da criadora dialoga com a construção lírica da música, que transforma deslocamentos cotidianos e momentos aparentemente insignificantes em experiências emocionalmente relevantes.

Tal percepção também aparece em análises produzidas no YouTube, Mari Bianchini[29] observa que *400 Lux* é uma das poucas canções do álbum centradas explicitamente em uma relação afetiva, destacando como a faixa desloca temporariamente o foco das críticas sociais e das observações geracionais presentes em outras músicas de *Pure Heroine* para a construção de uma experiência íntima compartilhada.

Nesse sentido, *400 Lux* exemplifica uma das principais estratégias de *Pure Heroine*: transformar experiências ordinárias da adolescência suburbana em narrativa capazes de produzir identificação e reconhecimento afetivo.

4.2.2Atmosfera sonora, suspensão temporal e desaceleração

[28] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.
[29] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

Em *400 Lux*, a sonoridade reforça a atmosfera de suspensão e intimidade construída pela faixa. Nomeada a partir da unidade de medida relacionada à luminosidade de amanheceres e entardeceres, a música desenvolve uma estética sonora marcada pela transição e pela desaceleração.

Além das letras, a construção sonora da faixa reforça a atmosfera intimista. A produção simples é marcada por elementos eletrônicos, com um bumbo grave e constante contrastando com elementos percussivos mais agudos, como caixa e hi-hat, executados de forma suave e contida. A ausência de grandes variações harmônicas ao longo da música contribui para uma sensação de monotonia e suspensão, dialogando com o tédio e a repetição presentes na narrativa da adolescência suburbana construída na canção. Além disso, os momentos de "break", nos quais parte da batida desaparece temporariamente, criam efeitos de tensão e relaxamento que intensificam a atmosfera contemplativa da faixa. Em diversos momentos, a repetição de "nós", como em "We're never done with killing time", desloca a narrativa do plano individual para uma dimensão coletiva, aproximando a experiência descrita das vivências compartilhadas por outros jovens.

Logo na abertura de *400 Lux*, a música apresenta sintetizadores atmosféricos e pequenas pulsações eletrônicas espaçadas que contribuem para a construção de uma atmosfera íntima e suspensa. Diferente de produções pop marcadas por grandes entradas, os sons surgem de forma suave e gradual, criando sensação de leveza e desaceleração. As texturas abafadas e os elementos discretos produzem uma ambientação de fim de dia e melancólica, aproximando a experiência de escuta da sensação de deslocamento silencioso pelos espaços suburbanos descritos ao longo da faixa.

Essa percepção também aparece na recepção da música no YouTube. Durante sua reação, Jennifer Prioli[30] destaca o crescimento gradual da instrumentalização da faixa, observando que "vai entrando mais elementos na melodia" ao longo da música. A youtuber também chama atenção para determinados sintetizadores presentes na produção, associando um dos sons recorrentes da faixa à imagem de um farol no oceano, algo que "vai e volta" enquanto novos elementos sonoros são adicionados a cada estrofe. Sua interpretação dialoga com a

[30] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

estrutura simples da composição, marcada pela expansão gradual da instrumentalização e pela construção lenta da atmosfera sonora.

A própria recepção crítica da faixa destaca esse aspecto. Em texto publicado pela Rolling Stone Australia, *400 Lux* é descrita como uma canção sobre "apaixonar-se em meio ao mal-estar adolescente suburbano" (Rolling Stone Australia, 2025, tradução nossa)[31], ressaltando a maneira como Lorde transforma o tédio suburbano em experiência afetiva. O texto também aponta que a especificidade das imagens presentes na música se tornaria uma das principais marcas da composição da artista.

Dessa forma, a construção sonora de *400 Lux* não atua apenas como acompanhamento da narrativa apresentada nas letras, mas como elemento fundamental para a produção das sensações de intimidade, desaceleração e pertencimento que atravessam a faixa. A repetição dos elementos instrumentais, a expansão gradual da melodia e a atmosfera contemplativa reforçam a representação de uma adolescência marcada menos por acontecimentos extraordinários e mais pela valorização afetiva de experiências cotidianas e aparentemente banais. Assim, a música transforma o tédio suburbano em espaço de conexão emocional, consolidando uma das principais características estéticas e narrativas de *Pure Heroine.*

4.3Royals

4.3.1Consumo, crítica geracional e construção de pertencimento coletivo

Um dos aspectos que particulariza essa construção em *Pure Heroine* é justamente a maneira como Lorde desloca suas experiências do plano individual para uma dimensão coletiva. Questões já presentes de forma mais ampla ao longo de *Pure Heroine*, especialmente a oposição entre "eles" e "nós" destacada por Analu em sua análise do álbum[32], aparecem de maneira particularmente explícita em *Royals*. Nessa faixa, o distanciamento em relação aos símbolos de luxo, prestígio e ostentação associados à cultura pop e ao hip hop da época transforma-se em

[31] No original: "falling in love in the middle of suburban teen malaise". 400 Lux (2013). **Rolling Stone Australia**, 2025. Disponível em: https://au.rollingstone.com/music/music-lists/-78875/400-lux-2013-78916/. Acesso em: 2 mai. 2026

[32] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.

elemento central da narrativa. Ao articular constantemente a experiência de jovens suburbanos que se percebem afastados desses modelos de consumo e glamour, a música reforça uma identidade coletiva construída justamente a partir da sensação de não pertencimento.

Isso pode ser percebido na escrita de suas músicas, nas quais frequentemente utiliza o "nós" em vez de se colocar apenas como protagonista individual. Em *Royals*, por exemplo, versos como "We don't care", "We aren't caught up in your love affair" e "And we'll never be royals" transformam experiências pessoais em algo compartilhado, aproximando a narrativa da realidade vivida por seus ouvintes. Esse movimento também é reforçado na própria construção sonora da faixa: no trecho "And we'll never be royals", especialmente na repetição de "I'll rule", as dobras vocais criam um efeito que se aproxima de uivos coletivos, ampliando a sensação de comunidade e pertencimento construída ao longo da música.

Essa dimensão coletiva não surge apenas como escolha estética, mas também como resultado direto da relação da artista com o contexto cultural em que está inserida. Em *Royals*, essa articulação entre experiência e criação se torna ainda mais evidente, especialmente se observada a partir das próprias declarações da artista sobre o processo de composição.

Em diversas entrevistas, Lorde afirma que a canção nasce de um certo distanciamento em relação às referências de consumo presentes no hip-hop e no pop da época. Segundo a artista, tais imagens não se conectavam com sua realidade enquanto adolescente vivendo no subúrbio da Nova Zelândia. Nesse sentido, em entrevista ao The Guardian, ela destaca o contraste entre essas representações e sua vivência cotidiana, "Eu e meus amigos estávamos [...] preocupados em como voltar para casa porque não podíamos pagar um táxi. Esta é a nossa realidade!" (Lorde, 2013, tradução nossa).[33]

A partir desse contraste entre vivência cotidiana e repertório midiático, Lorde constrói *Royals* justamente como uma forma de tensionar essas referências de consumo e status. Em outra declaração, a artista reforça esse deslocamento ao afirmar que percebeu, ao ouvir certas produções do pop e do hip-hop, o foco em artigos de luxo e uma ostentação que não condiziam com sua própria realidade. A partir disso, Lorde afirma que a canção se estrutura a partir de uma crítica irônica às formas de construção de identidade baseadas no consumo:

[33] No original: "Me and my friends were [...] worrying how to get home because we couldn't afford a cab. This is our reality!". HOBY, Hermione. **One to watch:** Lorde. The Guardian, 29 jun. 2013. Disponível em: https://www.theguardian.com/music/2013/jun/30/lorde-interview-royals-one-watch. Acesso em: 5 mai. 2026

“definitivamente fazendo piada com muitas coisas que as pessoas consideram normais. [...] Eu meio que comecei a perceber que, para ser descolado no hip-hop, você precisa ter aquele tipo de carro, beber aquele tipo de vodka e ter aquele tipo de relógio” (Lorde, 2013, tradução nossa).[34]

Essa percepção também aparece na recepção contemporânea da faixa em vídeos de reação publicados no YouTube. Ao comentar a música, Jennifer Prioli[35] destaca que Lorde “critica o pop da época dela”, especialmente pela recorrência de referências a “dente de ouro”, bebidas de luxo e ostentação presentes nas músicas populares daquele período. A youtuber também relaciona a faixa a uma crítica ao “capital social” e às dinâmicas associadas ao “old money”, interpretando *Royals* como uma recusa aos códigos de status e prestígio reproduzidos pelo pop mainstream. Em outro momento, Prioli afirma que a mensagem da música permanece atual, observando que, mesmo anos após o lançamento da faixa, ainda concorda com a crítica construída pela artista em relação ao luxo e à ostentação.

Dessa forma, *Royals* transforma experiências pessoais e suburbanas em uma narrativa coletiva de deslocamento e não pertencimento em relação aos modelos de sucesso e glamour difundidos pelo pop mainstream. Ao utilizar constantemente o “nós”, a música aproxima a experiência da artista da vivência de outros jovens que também se percebem distantes dessas representações de luxo e consumo, construindo uma espécie de identificação geracional baseada justamente na recusa e no distanciamento dessas imagens.

4.3.2Simplicidade sonora, camadas vocais e monumentalidade suburbana

A construção sonora de *Royals* reforça constantemente a tensão entre individualidade e experiência coletiva presente na letra. Marcada por uma produção mais simples e espaços vazios, a música utiliza a própria voz de Lorde como principal elemento da faixa. Ao longo da

[34] No original: “definitely poking fun at a lot of things that people take to be normal. [...] I kind of started to realize that to be cool in hip-hop, you have to have that sort of car and drink that sort of vodka and have that sort of watch”. LORDEVEVO. **Lorde - Lyrical Influences (VEVO LIFT).** YouTube, 27 nov. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zCSFHsd7NWA. Acesso em: 4 mai. 2026.
[35] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

canção, camadas vocais, harmonizações e ecos passam a ocupar função estrutural dentro da produção, ampliando a sensação de espaço e profundidade sonora.

Essa dinâmica torna-se especialmente perceptível na alternância entre momentos construídos no singular e no plural. Enquanto trechos mais individuais apresentam uma voz mais isolada, seca e íntima, nos momentos em que a narrativa se desloca para o "we", como em "And we'll never be royals", a faixa incorpora sobreposições vocais e harmonias que produzem uma espécie de sensação coletiva. Dessa forma, a música transforma uma experiência inicialmente pessoal em uma espécie de afirmação geracional compartilhada.

No trecho "And we'll never be royals", especialmente na repetição de "I'll rule", as dobras vocais criam um efeito que se aproxima de uivos coletivos, ampliando a sensação de comunidade e pertencimento construída ao longo da música. A própria sonoridade contribui, portanto, para deslocar a narrativa do plano individual para uma dimensão coletiva, reforçando musicalmente a ideia de identificação geracional presente na letra. Essa percepção também aparece na reação de Jennifer Prioli[36], que destaca como a voz da artista no refrão surge "mais projetada", observando uma expansão vocal que contribui para tornar a faixa mais grandiosa sem abandonar sua estética mais simples.

Além disso, o uso de reverberação e ecos cria sensação de amplitude espacial, fazendo com que a voz pareça ocupar um espaço muito maior do que o instrumental mais simples sugeriria. Nesse contexto, *Royals* articula simultaneamente intimidade e monumentalidade, aproximando referências do hip-hop e do pop mainstream de uma estética mais contida, vazia e suburbana. A própria recepção da faixa também evidencia a força desses elementos mínimos na construção sonora da música. Em seu vídeo, Prioli chama atenção para os estalos de dedo que atravessam praticamente toda a canção, destacando como elementos simples e repetitivos se tornam estruturais dentro da produção.

Dessa forma, a produção simplista da faixa não reduz sua potência sonora, mas atua justamente como estratégia para destacar a voz, os silêncios e as camadas coletivas construídas ao longo da música. Ao transformar elementos simples em uma atmosfera grandiosa e expansiva, *Royals* reforça uma das principais operações estéticas de *Pure Heroine:* construir

---

[36] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

narrativas juvenis íntimas e suburbanas que, ao mesmo tempo, adquirem dimensão coletiva e geracional.

4.4Ribs

4.4.1Medo de crescer, passagem do tempo e anseios juvenis

Já em *Ribs*, observa-se um deslocamento temático em direção ao medo de crescer e à ansiedade em torno da passagem de tempo. A canção parte de uma situação cotidiana, uma festa, a madrugada e o cansaço, mas se desenvolve como a sensação de que aquele momento está prestes a desaparecer e a impossibilidade de permanecer nele. Ao mesmo tempo que parece viver essa transição, a cantora parece observar tudo isso acontecendo, enquanto reflete sobre o tempo, envelhecimento e incapacidade de permanecer naquele estado. Essa sensação é reforçada pela própria construção sonora da faixa: nos momentos iniciais, os elementos eletrônicos soam distantes e abafados, como se a batida da música estivesse sendo ouvida do lado de fora de uma casa noturna, após alguém sair do ambiente e a porta se fechar. A música cria, assim, uma atmosfera de afastamento e suspensão que acompanha emocionalmente a narrativa construída pela canção.

Em entrevista, Lorde explica que a música surgiu de uma experiência específica em uma festa, composta ainda na madrugada, e que rapidamente se conectou a uma percepção mais ampla sobre o lugar da idade em sua carreira. Segundo a artista, a indústria musical atribui grande importância a juventude, algo que ela descreve como constante fonte de reflexão:

> Eu escrevi a música sobre — nós saímos em uma noite, uma festa enorme, acho que a escrevi por volta das 4 da manhã. Eu estava meio zonza. Obviamente, estou em uma indústria onde se dá muita importância à minha idade, o que sempre me pareceu uma loucura. Quando lancei minha música, não disse quantos anos tinha porque não queria que isso superasse o que eu estava fazendo. Mesmo agora, as pessoas ficam tipo: 'Caramba, eu não sabia que você tinha essa idade!'. Talvez eu seja apenas muito neurótica. Mas logo vou fazer 20 anos, e logo vou fazer 30. Estar em uma indústria que gira em torno da juventude, sempre há outra coisa descolada na sua frente. Eu meio que sempre penso nisso. Mas acho que vou ficar bem" (Lorde, 2013, tradução nossa).[37]

[37] No original: "I wrote the song about—we went out this one night, this huge party, I think I wrote it at like 4AM. I was hazy. Obviously I'm in an industry where a lot of importance is placed on how old I am, which has always seemed crazy to me. When I put my music out I didn't say how old I was because I didn't want that to overtake what I was making. Even now, people are like, "Holy shit, I didn't know you were that age!" Maybe

Essa percepção se intensifica na forma como a própria artista articula a transição entre juventude e vida adulta. Em meio a um show, antes da perfromance de *Ribs*, Lorde afirma que "uma vez que você faz algo que parece adulto, é muito difícil voltar" (Lorde, 2014, tradução nossa)[38], destacando a dificuldade de lidar com a passagem para a vida adulta e o sentimento de que crescer implica perda irreversível de experiências anteriores.

Nesse sentido, *Ribs* não se limita a uma narrativa sobre uma festa específica, mas se constitui como uma elaboração emocional sobre o tempo, o envelhecimento e a sensação de estar sempre à beira de uma transformação inevitável. A artista reforça ainda que essa experiência é marcada por um medo persistente de crescer, descrevendo o processo como algo do qual tenta, constantemente, fugir. A youtuber Analu TV[39] também interpreta *Ribs* como uma das principais representações das angústias adolescentes presentes em *Pure Heroine*. A criadora destaca que a música trabalha simultaneamente nostalgia, medo do envelhecimento e sensação de sufocamento diante da passagem do tempo, observando ainda que a aceleração gradual da faixa produz uma experiência de ansiedade e desespero emocional.

Ao comentar a faixa, Mari Bianchini[40] observa que a experiência retratada em *Ribs* ultrapassa o episódio específico da festa que inspirou a canção e passa a representar um momento mais amplo de transição presente em *Pure Heroine*. Segundo a criadora, a música reflete sobre "como aos poucos a gente vai se tornando adulto" e sobre a percepção de que crescer implica "deixar de ser criança, de ser simplesmente uma adolescente para enfim se tornar uma pessoa adulta com responsabilidades". A youtuber acrescenta ainda que essa reflexão "vai para além da vida dela e dessa festa em específico", relacionando a faixa ao fato de que "o *Pure Heroine* representa muito esse momento de transição". Dessa forma, a leitura

---

I'm just really neurotic. But soon I'm gonna be 20, and soon I'm gonna be 30. Being in an industry that's about youth, there's always another cool thing in front of you. I kind of always think about it. But I think I'll be fine.". ZEICHNER, Naomi. **Interview: Lorde.** The FADER, 8 ago. 2013. Disponível em: https://www.thefader.com/2013/08/08/interview-lorde. Acesso em: 17 mar. 2026

[38] No original: "once you do something that feels grown up, it's really hard to come back". LORDE'S corner. **Lorde - Ribs (Speech+Song) Live in Netherlands, 2014. Pure Heroine Tour.** YouTube, 30 jan. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=88oR5GjjZ6k . Acesso em: 4 mai. 2026.

[39] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.

[40] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

produzida pela criadora aproxima *Ribs* de uma experiência mais ampla de amadurecimento, reforçando a centralidade da passagem do tempo e do crescimento como temas estruturantes do álbum.

A recepção da música em vídeos de reação publicados no YouTube evidencia como esses sentimentos ultrapassam a experiência individual da artista e continuam produzindo identificação em ouvintes de diferentes idades. Ao comentar a faixa, Jennifer Prioli[41] destaca que, embora Lorde tivesse apenas 16 anos ao escrever a música, a canção ainda consegue emocionar pessoas mais velhas justamente por abordar angústias relacionadas à passagem do tempo e às transformações da vida adulta. Em sua interpretação, a música fala sobre a perda gradual de determinadas formas de enxergar o mundo, mencionando "aquela mente esperançosa" e "aquela mente que via tudo de forma mais simples". Prioli também relaciona a faixa às inseguranças e ansiedades associadas ao envelhecimento, observando que o medo da passagem do tempo se transforma conforme a idade, mas permanece presente em diferentes momentos da vida.

Ao aproximar experiências adolescentes de sentimentos compartilhados também por adultos, *Ribs* amplia sua dimensão emocional e transforma uma experiência específica de juventude em uma reflexão mais ampla sobre mudança, perda e persistência. Dessa forma, a música constrói uma narrativa geracional marcada não apenas pelo desejo de crescer, mas também pelo receio constante daquilo que inevitavelmente será abandonado.

4.4.2Expansão atmosférica, camadas vocais e sensação de aceleração

A construção sonora de *Ribs* reforça diretamente os sentimentos de transformação, ansiedade e passagem do tempo presentes na letra. Em conversa retrospectiva sobre o processo de criação da faixa, Joel Little descreve que a música foi construída a partir da manipulação gradual de um mesmo som sintetizado, que "começa bastante contido e depois meio que se abre, e então se fecha novamente" (Little, 2023, tradução nossa)[42], criando sensação constante

---

[41] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

[42] No original: "starts quite subdued and then kind of opens out, and then closes again". LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em:

de expansão e intensificação emocional. Diferente de estruturas pop baseadas no acúmulo progressivo de instrumentos, o crescimento da faixa ocorre principalmente através da alteração espacial e dinâmica dos próprios sons já presentes na composição.

Essa sensação é ampliada pelo uso intenso de camadas vocais. Segundo Joel Little, a faixa incorpora entre "80 e 100 faixas vocais" (Little, 2023, tradução nossa)[43], distribuídas e filtradas ao longo da mixagem para produzir uma atmosfera ampla, nebulosa e emocionalmente imersiva. Nesse contexto, as vozes deixam de funcionar apenas como elemento melódico e passam a ocupar papel atmosférico dentro da música, contribuindo para a sensação de ansiedade e sobrecarga emocional que atravessa a faixa. Essa percepção também aparece na reação de Jennifer Prioli[44], que descreve as harmonizações da música como "sereias cantando" e afirma que a faixa produz uma sensação "extracorpórea", como se a experiência de escuta provocasse um deslocamento emocional e sensorial.

A própria Lorde relaciona essa dimensão sonora ao conflito central presente em *Ribs*: simultaneamente o entusiasmo diante da entrada na vida adulta e o medo das transformações que esse processo implica. Em conversa com o produtor, Lorde afirma que a música buscava expressar "estar tão animada por finalmente ter idade suficiente [...] e também estar aterrorizada com o que isso significava que eu estava me despedindo" (Lorde, 2023, tradução nossa)[45], evidenciando como a expansão gradual da faixa acompanha emocionalmente essa tensão entre o desejo de crescer e o receio de abandonar experiências, percepções e formas de viver associadas à adolescência.

Além da expansão atmosférica e do acúmulo gradual de camadas vocais, *Ribs* também produz uma sensação crescente de aceleração rítmica. Nesse contexto, a música parece acompanhar a ansiedade presente na letra, produzindo a sensação de que o tempo avança de

---

https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

[43] No original: "80 to 100 vocal tracks". LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

[44] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

[45] No original: "being so excited to be finally old enough [...] and also being terrified of what that meant I was saying goodbye to". LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

maneira cada vez mais rápida e inevitável. Como confirma Lorde em conversa com o produtor: “A música é um pouco mais rápida do que o que tínhamos feito antes, com uma batida de bumbo marcada em quatro tempos” (Lorde, 2023, tradução nossa).[46]

A recepção da faixa no YouTube também reforça essa percepção de aceleração emocional construída pela música. Durante sua reação, Jennifer Prioli[47] observa que a faixa “foi ficando mais rápida”. Embora o andamento da música permaneça estável, sua percepção parece estar relacionada ao acúmulo progressivo de elementos sonoros e à intensificação da performance vocal ao longo da faixa, aspectos que a criadora associa à sensação de “surto” diante do envelhecimento. Em outro momento, a criadora afirma que “a produção perfeita para deixar a gente mais ansioso”, destacando como o aumento gradual da intensidade sonora acompanha emocionalmente os medos e tensões associados à vida adulta. Prioli também relaciona a expansão final da música a uma espécie de liberação emocional coletiva, descrevendo o encerramento da faixa como um momento de “expurgar os medos e os estresses que a vida adulta traz”.

Dessa forma, a construção sonora de *Ribs* atua não apenas como acompanhamento da narrativa lírica, mas como elemento central na produção das sensações de ansiedade, nostalgia e transformação que atravessam a faixa. A expansão gradual dos sintetizadores, o acúmulo de vozes e a aceleração rítmica fazem com que a própria experiência de escuta acompanhe emocionalmente o conflito apresentado pela música, transformando o medo de crescer em uma experiência sensorial e atmosférica.

4.5Buzzcut Season

4.5.1Escapismo, alienação midiática e suspensão

[46] No original: “The song is a bit faster than what we’d done before, with a four on the floor kick”. LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

[47] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

Em *Buzzcut Season*, a atmosfera muda, com a experiência juvenil sendo construída a partir de uma tensão entre o cotidiano suburbano e imagens de violência transmitidas pela mídia. Ao longo da canção, referências a piscinas, calor e sociabilidade entre amigos convivem com imagens de violência e destruição transmitidas pela televisão, como descrito em "explosions on TV and all the girls with heads inside a dream", produzindo uma sensação de deslocamento diante do mundo exterior.

Nesse contexto, a música articula uma forma de escapismo marcada menos pela rebeldia explícita comum nesse período da vida e mais pela tentativa de preservação de espaços de intimidade e segurança. Essa dimensão se relaciona diretamente com o imaginário suburbano presente em *Pure Heroine*, frequentemente descrito por Lorde em entrevistas a partir de experiências ligadas ao tédio, às frestas caseiras e à sensação de isolamento. A youtuber Analu TV[48] também relaciona a música à alienação geracional e à tentativa de escapar temporariamente das tensões do mundo contemporâneo. Segundo Analu, a música retrata jovens que convivem constantemente com notícias caóticas e imagens de violência, mas que utilizam pequenos espaços de convivência e distração como formas de suspensão emocional.

Assim, enquanto o caos aparece mediado pela televisão e pelas imagens do mundo exterior, os personagens da canção permanecem restritos a ambientes domésticos e cotidianos, produzindo uma sensação de anestesia e suspensão temporal. Em *Buzzcut Season*, o escapismo juvenil não surge como fuga absoluta da realidade, mas como tentativa de construir espaços de pertencimento diante de um mundo percebido como instável. A própria construção sonora da faixa contribui para essa atmosfera ambígua. Diferente de outras músicas mais melancólicas do álbum, *Buzzcut Season* apresenta uma batida mais contínua, próxima inclusive de ritmos como a cumbia, criando um movimento corporal mais leve e hipnótico.

O próprio título da faixa contribui para a construção dessa tensão. "Buzzcut" refere-se ao corte de cabelo curto tradicionalmente associado ao ambiente militar, evocando imagens de disciplina, guerra e conflito. A combinação dessa referência com a palavra "season" ("temporada") produz uma expressão ambígua que dialoga com o contraste central da música entre a aparente tranquilidade do cotidiano suburbano e a presença constante de violência e instabilidade no mundo exterior.

---

[48] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.

A interpretação produzida por Jennifer Prioli[49] em seu vídeo de reação também reforça essa dimensão escapista da música. Ao comentar a faixa, a youtuber afirma que “o resumo dessa música é puro escapismo”, associando a narrativa a imagens de jovens ignorando temporariamente o caos do mundo exterior enquanto convivem em espaços cotidianos e íntimos. Prioli descreve a experiência da música a partir de cenas como “andar de ônibus com as amigas”, “ficar na beira da piscina” e “escutar música de olho fechado”, interpretando a canção como uma tentativa de construir um “holograma perfeito” distante das notícias e das violências transmitidas pela mídia. Em outro momento, a criadora também reconhece esse escapismo como uma estratégia emocional compreensível, afirmando que, diante das tensões do cotidiano, “às vezes a gente precisa disso”.

Dessa forma, a faixa constrói uma representação da adolescência marcada pela coexistência entre intimidade e ameaça, segurança e instabilidade. Ao aproximar imagens cotidianas suburbanas de referências à violência midiática, *Buzzcut Season* transforma a sensação de alienação juvenil em uma experiência atmosférica e coletiva, reforçando uma das principais estratégias narrativas de *Pure Heroine*: elaborar emoções e inseguranças geracionais através de espaços aparentemente ordinários.

4.5.2Delicadeza sonora e atmosfera de dissociação

Em *Buzzcut Season*, Lorde constrói uma atmosfera sonora marcada pela delicadeza e por uma tensão constante que nunca explode completamente. A faixa exemplifica uma das principais características estéticas de *Pure Heroine:* o uso de produções mais simples não para gerar simplicidade emocional, mas para intensificar sensações de vazio, ansiedade e deslocamento juvenil.

Desde os primeiros segundos da música, os timbres agudos que lembram um pequeno piano, xilofone ou uma espécie de percussão eletrônica delicada estabelecem uma sonoridade frágil e delicada. As notas espaçadas e suaves criam sensação de intimidade e vulnerabilidade, quase como uma memória distante ou uma cena observada em câmera lenta. Ao mesmo tempo,

[49] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

esses sons remetem a algo infantil e sonhador, produzindo um contraste com os temas mais inquietantes presentes na letra. Essa percepção também aparece na reação de Jennifer Prioli[50], que descreve a faixa como “meio fábula” e “meio natalina”, associando a sonoridade delicada da música a uma atmosfera lúdica e sonhadora.

Em diversos momentos de *Buzzcut Season*, a voz de Lorde aparece distante como se ecoasse dentro da atmosfera da faixa, reforçando mais ainda a sensação de alguém observando tudo de longe. Essa interpretação produz um efeito de apatia e dissociação que acompanha a temática da canção, relacionada à alienação, ao refúgio e à sensação de insegurança diante do mundo contemporâneo. A própria recepção da faixa também evidencia essa relação entre sonoridade e escapismo. Em seu vídeo, Jennifer Prioli[51] afirma que a melodia da música é “bem escapista”, relacionando diretamente os timbres delicados de xilofone e “pianinho” à sensação de suspensão e refúgio construída pela canção.

Assim, a construção sonora de *Buzzcut Season* atua diretamente na produção das sensações de deslocamento e suspensão presentes na narrativa da música. Os espaços vazios, os timbres delicados e a performance vocal distante fazem com que a própria experiência de escuta incorpore a sensação de alienação e anestesia emocional que atravessa a faixa, transformando o cotidiano suburbano em um espaço simultaneamente íntimo, sonhador e inquietante.

4.6Team

4.6.1Pertencimento coletivo, suburbanidade e imaginário juvenil

Já em *Team*, a dimensão coletiva presente ao longo de *Pure Heroine* aparece de forma ainda mais explícita. A canção constrói um imaginário juvenil baseado em pertencimento, comunidade e identificação coletiva, especialmente através do uso recorrente do pronome “we”.

---

[50] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

[51] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

Em versos como “we live in cities you’ll never see on screen”, Lorde desloca o foco dos centros tradicionais de representação da música pop para experiências juvenis marcadas pela suburbanidade e pela sensação de invisibilidade. Em sua análise[52], Analu interpreta esse verso como uma valorização de experiências juvenis frequentemente invisibilizadas pela música pop tradicional. A youtuber destaca que Lorde constrói um imaginário coletivo baseado em jovens que vivem “fora da elite e dos holofotes”, reforçando a ideia de pertencimento entre adolescentes suburbanos distantes dos grandes centros de glamour representados pela indústria musical. Essa dimensão coletiva também é reforçada pela própria construção vocal da faixa, marcada por harmonizações, sobreposições de vozes e uma interpretação influenciada pelo R&B contemporâneo, aproximando a canção de sonoridades que valorizam texturas vocais mais coletivas. Dessa forma, a música produz simultaneamente sensação de intimidade e pertencimento grupal.

Sob a perspectiva de Hall (1997), essas narrativas podem ser compreendidas como formas de representação que produzem sentidos sobre a juventude, oferecendo imagens e experiências alternativas àquelas tradicionalmente associadas ao pop mainstream.

Essa construção também se relaciona diretamente com a maneira como a própria artista descreve o universo imaginado para a música e seu videoclipe. Em publicação feita em seu Facebook sobre *Team*, Lorde afirma ter imaginado “adolescentes em seu próprio mundo” (Lorde, 2013, tradução nossa)[53], um espaço marcado por hierarquias próprias, ruínas, suor e imperfeições, distante das representações idealizadas da juventude frequentemente presentes na música pop.

Nesse contexto, a canção propõe uma forma alternativa de pertencimento juvenil, baseada menos em status ou reconhecimento e mais na partilha de experiências e afetos. A própria artista destaca que, nesse universo, existiam “testes que não precisavam ser aprovados para que a entrada fosse permitida” (Lorde, 2013, tradução nossa)[54], sugerindo uma

---

[52] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.

[53] No original: “teenagers in their own world”. LORDE. **WE'RE ON EACH OTHER'S TEAM**... Facebook: @lordemusic, 3 dez. 2013. Disponível em: https://web.facebook.com/lordemusic/posts/701802653170791. Acesso em: 2 mai. 2026.

[54] No original: “tests that didn’t need to be passed in order to be allowed in”. **LORDE. WE'RE ON EACH OTHER'S TEAM**... Facebook: @lordemusic, 3 dez. 2013. Disponível em: https://web.facebook.com/lordemusic/posts/701802653170791. Acesso em: 2 mai. 2026.

comunidade construída a partir da aceitação e da identificação coletiva, e não de modelos tradicionais de sucesso ou validação social.

Essa dimensão também aparece na interpretação de Mari Bianchini. Ao comentar a faixa[55], a criadora observa que *Team* constrói uma espécie de mundo imaginário habitado por jovens, no qual "perder nem sempre significa ser fraco" e onde "todo mundo se apoia". Embora formulada de maneira subjetiva, sua leitura reforça a percepção de que a música imagina formas alternativas de pertencimento e reconhecimento, afastadas das hierarquias e modelos de sucesso tradicionalmente valorizados pela cultura dominante.

Em conversa com Little, Lorde descreve que estava tentando imaginar uma música que trouxesse seus amigos para dentro do universo do álbum, "dando a eles sua própria música ou transformando-os em personagens principais por um segundo" (Lorde, 2023, tradução nossa).[56] A fala evidencia algo muito presente em *Pure Heroine*: mesmo quando as músicas abordam sentimentos amplos ligados à juventude, elas partem de imagens extremamente específicas e cotidianas, transformando experiências suburbanas em algo coletivo e compartilhável.

Em reação publicada no YouTube, Jennifer Prioli[57] também relaciona a faixa a uma experiência coletiva de juventude e pertencimento. Ao comentar o verso "we live in cities you'll never see on screen", a youtuber afirma que o álbum "é sobre sensações, é sobre sentimentos", destacando a maneira como a música transforma cidades e experiências juvenis aparentemente invisíveis em espaços de reconhecimento afetivo. Prioli também associa a canção à amizade e à construção de comunidade entre jovens suburbanos, afirmando que "a gente tem pouco dinheiro, a gente mora no interior, mas a gente sabe fazer as coisas acontecerem", percepção que dialoga diretamente com a proposta de pertencimento alternativo construída por Lorde ao longo da faixa.

---

[55] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

[56] No original: "giving them their own song or making them the main characters for a second". LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

[57] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

Assim, *Team* amplia questões já presentes em faixas anteriores de *Pure Heroine*, especialmente a tentativa de construir espaços simbólicos próprios diante de um imaginário pop do qual esses jovens frequentemente se percebem excluídos.

4.6.2Construção expansiva, harmonizações vocais e estética de hino coletivo

Em *Team*, a construção sonora acompanha diretamente a ideia de coletividade e pertencimento presente na letra. Diferente da ansiedade crescente de *Ribs*, aqui a produção cria uma sensação mais expansiva e comunitária, como se a música estivesse lentamente reunindo pessoas ao redor da mesma atmosfera. A faixa começa de maneira mais contida, marcada por vocais desacompanhados e uma estrutura rítmica diferente, o que produz certa sensação de expectativa. Conforme a canção avança, porém, o instrumental ganha força com a entrada da batida eletrônica e das camadas vocais, criando um efeito mais amplo.

Na conversa com Joel Little, Lorde comenta que "estamos começando a perceber que podemos escrever refrões grandiosos, como hinos, algo sobre o qual inicialmente eu estava bem hesitante, por não querer que parecesse brega" (Lorde, 2023, tradução nossa)[58]. O interessante é que *Team* nasce exatamente dessa tentativa de equilibrar grandiosidade pop com uma sensibilidade íntima e melancólica, algo que acabaria definindo boa parte da estética do álbum.

Ao mesmo tempo, Joel explica que já possuía a base instrumental da música havia algum tempo, mas sentia que ainda faltava algo que justificasse a entrada daquela batida: "eu tinha a batida, apenas o som básico... e lembro de pensar, essa batida vai ser ótima para alguma coisa" (Little, 2023, tradução nossa).[59] A solução veio quando ele percebeu que a música precisava começar de maneira completamente diferente antes da entrada da bateria eletrônica: "precisa haver algo antes dela que seja muito diferente disso, que faça a entrada funcionar"

---

[58] No original: "We're starting to realise we can write quite anthemic choruses, which initially I was quite hesitant about, not wanting it to feel corny.". LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

[59] No original: "I had the beat, just the basic sound… and I remember thinking, this beat's gonna be great for something". LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

(Little, 2023, tradução nossa)[60]. Dessa ideia surge a introdução suspensa da faixa, construída a partir do sampleamento da voz de Lorde em repetição, que gradualmente recebe novas camadas vocais e sonoras. Em vez de uma mudança de andamento, a música produz uma sensação crescente de intensidade e expectativa até a entrada da batida principal.

A própria dinâmica sonora da música reforça constantemente a sensação de expansão coletiva construída pela letra. As harmonizações, ecos e sobreposições vocais fazem com que a voz de Lorde deixe de soar completamente isolada, aproximando a faixa de uma experiência compartilhada e comunitária. Mesmo mantendo a estética simplista presente em *Pure Heroine*, *Team* constrói uma atmosfera mais grandiosa e aberta, transformando elementos simples em uma espécie de hino juvenil melancólico.

Essa percepção também aparece na recepção da faixa por Jennifer Prioli[61]. Em sua reação, a youtuber descreve *Team* como uma música construída em "etapas", destacando a forma como a faixa cresce progressivamente e intensifica a experiência emocional do ouvinte. Prioli observa que a música "começa bem categórica e vai deixando a gente eufórico", ressaltando especialmente a persistência contínua do synth e da bateria ao longo da faixa. Sua interpretação evidencia como a expansão gradual da produção contribui diretamente para a sensação de intensidade coletiva e imersão emocional construída pela música.

Dessa forma, a sonoridade da faixa atua diretamente na construção da ideia de pertencimento presente em *Team*. A expansão gradual da produção, a entrada progressiva da batida e o uso coletivo das vozes fazem com que a música acompanhe emocionalmente a proposta da canção: criar um espaço simbólico onde experiências juvenis suburbanas possam ser compartilhadas, reconhecidas e transformadas em identidade coletiva.

4.7Glory and Gore

[60] No original: "there needs to be something prior to it that is very different to that, that makes it okay". LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

[61] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

4.7.1Espetáculo, violência simbólica e tensão coletiva

Em *Glory and Gore*, *Pure Heroine* desloca sua atenção para a relação entre espetáculo, violência e desejo coletivo. Ao longo da canção, imagens de gladiadores, batalha e excitação diante do caos constroem um universo em que destruição e entretenimento aparecem profundamente conectados. Nesse contexto, versos como “glory and gore go hand in hand” aproximam visibilidade e violência, sugerindo que o espetáculo midiático transforma conflito, excesso e destruição em formas de consumo coletivo.

Diferente de faixas como *Royals*, em que a crítica ao imaginário do consumo aparece de maneira mais direta e irônica, *Glory and Gore* desenvolve uma abordagem mais sombria e performática. A música constrói uma espécie de sátira obscura em torno da cultura contemporânea, especialmente da forma como violência, competição e exposição pública passam a ocupar lugar central nas dinâmicas de reconhecimento social. Nesse sentido, a canção se aproxima de imaginários distópicos populares no início da década de 2010, marcados pela transformação da violência em espetáculo midiático e pela centralidade da competição como forma de sociabilidade juvenil.

Essa dimensão é reforçada pela própria atmosfera da faixa, aproximando a música de espaços marcados por disputa, performance e excitação coletiva. A violência presente na canção raramente aparece como experiência concreta; ela surge principalmente como imagem, espetáculo e dinâmica simbólica, aproximando-se da lógica midiática que atravessa a música pop contemporânea.

Ao mesmo tempo, *Glory and Gore* também amplia questões já presentes em *Team*. Se na faixa anterior a coletividade aparece associada ao pertencimento e à construção de mundos próprios, aqui essa experiência coletiva assume formato mais tenso e ambíguo. A competição e o confronto tornam-se parte da própria dinâmica de convivência, como sugere o verso “we gladiate but I guess we’re really fighting ourselves”, que desloca o conflito do campo físico para uma dimensão subjetiva e emocional.

Nesse sentido, a música articula uma percepção de juventude marcada não apenas pelo desejo de pertencimento, mas também por pressão, ansiedade e confronto.

Essa relação com *Team* também aparece na interpretação de Mari Bianchini. Ao comentar a faixa[62], a criadora observa que *Glory and Gore* funciona como uma espécie de continuação sombria da música anterior, afirmando que é como se "esse mundo utópico de *Team* se transformasse em uma distopia". Sua leitura evidencia como ambas as canções compartilham uma preocupação com experiências coletivas da juventude, embora construam atmosferas bastante distintas. Enquanto *Team* imagina uma comunidade baseada em pertencimento e apoio mútuo, *Glory and Gore* desloca essa coletividade para um universo marcado pela competição, pela violência simbólica e pela espetacularização do conflito.

Além da crítica à naturalização da violência, Mari Bianchini observa[63] que a faixa retoma temas já presentes em outras músicas do álbum. Segundo a criadora, "*Glory and Gore* é uma música que crítica de maneira bastante ativa a normalização da violência na nossa sociedade" e, ao mesmo tempo, "volta a fazer algumas referências ao culto às celebridades e à obsessão pública com a fama". A leitura proposta pela youtuber evidencia como a canção articula diferentes preocupações recorrentes em *Pure Heroine*, reforçando a centralidade da crítica à cultura midiática e aos mecanismos de visibilidade que atravessam o álbum.

4.7.2Sonoridade agressiva, teatralidade e campo de batalha

Dentro de *Pure Heroine*, *Glory and Gore* ocupa um lugar um pouco deslocado em relação ao restante do álbum, sendo provavelmente a música mais "estranha" dentro desse universo. Enquanto grande parte do disco trabalha emoções íntimas através de atmosferas mais contidas e melancólicas, *Glory and Gore* parece mais violenta, teatral e sombria, tanto nas letras quanto na própria produção. Em reação publicada no YouTube[64], Jennifer Prioli também percebe essa mudança de atmosfera logo nos primeiros segundos da faixa, comentando que a

---

[62] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

[63] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

[64] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

música “já começou com pancada”, destacando o impacto imediato da produção e a diferença sonora em relação às músicas anteriores do álbum.

Em conversa com produtor, Lorde comenta que a faixa foi a primeira música escrita para o que inicialmente seria um “segundo EP”, antes da decisão de transformar o projeto em álbum: “lembro que *Glory and Gore* foi a primeira música que escrevemos para o segundo EP” (Lorde, 2023, tradução nossa)[65]. Isso ajuda a explicar por que ela soa um pouco diferente do restante de *Pure Heroine*: a música nasce em um momento de transição, quando o universo do disco ainda estava se expandindo e experimentando novas possibilidades sonoras.

Diferente de outras faixas mais suaves e sonhadoras de *Pure Heroine*, aqui tudo parece mais duro, mais intenso, quase como se a música estivesse sempre caminhando para um confronto. Uma das coisas que mais cria essa sensação são os vocais repetindo “oh, oh" ao fundo enquanto Lorde canta. Em sua reação[66], Jennifer Prioli também associa essas dobras vocais às imagens de gladiadores presentes na letra, comentando “olha os gladiadores voltando”, percepção que evidencia como a própria construção sonora reforça o imaginário coletivo e performático desenvolvido pela canção.

A própria batida ajuda nisso. O som lembra batidas de metal, choque de objetos ou até espadas se encontrando, o que conversa diretamente com as imagens descritas na letra. Quando Lorde canta sobre “glory” e “gore”, a música parece transformar essas palavras em som, não é só uma letra falando de conflito, mas uma produção que faz esse conflito ser sentido fisicamente.

Enquanto outras músicas de *Pure Heroine* parecem acontecer em quartos, carros ou ruas suburbanas silenciosas, essa faixa parece acontecer no meio de um campo de batalha emocional. Tudo nela cria essa sensação de tensão coletiva: os vocais em grupo, a batida pesada, os sons metálicos e o jeito como a música cresce aos poucos até ficar quase sufocante.

---

[65] No original: “I remember Glory and Gore was the first song that we wrote for the second EP”. LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

[66] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

4.8Still Sane

4.8.1Exposição, autenticidade e instabilidade emocional

Quando chega em *Still Sane*, a oitava faixa do álbum, a música parece funcionar como um momento de pausa dentro de *Pure Heroine*, no qual Lorde observa a própria ascensão com certa distância e cautela. Diferente de faixas como *Team* ou *Glory and Gore*, em que a experiência coletiva ocupa lugar central, *Still Sane* assume um tom mais introspectivo, marcado pela tentativa de compreender as mudanças produzidas pela crescente visibilidade da artista.

Ao longo da canção, aparecem referências constantes a deslocamento, excesso de trabalho e dificuldade de adaptação, como em "I'm not in the swing of things". Em vez de apresentar a ascensão ao sucesso como realização plena, a música constrói uma sensação de desconforto e estranhamento diante da rapidez com que sua vida passa a se transformar. Em sua interpretação do álbum[67], Analu TV também relaciona *Still Sane* ao conflito entre ascensão social e preservação das próprias origens. A youtuber observa que Lorde reconhece as transformações produzidas pela fama repentina, mas demonstra preocupação constante em não perder a consciência de sua realidade anterior e da vida suburbana retratada ao longo do disco. Já Jennifer Prioli[68] interpreta a canção como uma reflexão sobre os efeitos da fama e do reconhecimento público, observando que "a fama tá mudando ela". Em sua leitura, a música expressa o conflito entre ambição, reconhecimento e o receio de perder aspectos da própria identidade diante das transformações provocadas pelo sucesso.

Essa dimensão também se relaciona com entrevistas da época, nas quais Lorde demonstra incômodo com a atenção direcionada à sua idade e à construção de sua imagem pública. Em discussão online realizada no Reddit logo no início da carreira, Lorde afirma que começar jovem permitiu compreender rapidamente "quais regras eram estúpidas e não

---

[67] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.
[68] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

deveriam ser seguidas" (Lorde, 2013, tradução nossa)[69], evidenciando uma postura crítica em relação às normas e expectativas da indústria pop. Em diferentes momentos, a artista afirma não querer que sua figura pessoal se sobreponha à música, revelando uma preocupação recorrente com autenticidade e preservação da própria identidade.

A percepção de ambição atravessando a faixa também aparece na análise de Prioli, ao comentar que a música apresenta uma artista que "é ambiciosa, ao mesmo tempo [em que] tem medo da fama mudar ela muito". A youtuber destaca ainda versos relacionados à adaptação à nova rotina de hotéis e deslocamentos constantes, reforçando como *Still Sane* articula simultaneamente desejo de ascensão e receio diante das mudanças produzidas pela exposição pública.

Nesse sentido, *Still Sane* pode ser compreendida como uma reflexão sobre os efeitos da exposição e da entrada precoce na indústria musical. Mais do que celebrar reconhecimento e sucesso, a faixa evidencia uma tentativa de permanecer emocionalmente estável em meio a processos rápidos de transformação pessoal e pública.

4.8.2Estrutura fragmentada, espacialidade sonora e sensação de desorientação

Still Sane ocupa um lugar particular dentro de *Pure Heroine*, soando quase como uma faixa deslocada. Na entrevista entre Lorde e Joel Little, ambos comentam que essa foi a música que mais demorou para ser finalizada: "Essa foi a música que mais nos tomou tempo. Foi tipo uma semana em uma música" (Lorde; Little, 2023, tradução nossa)[70]. A fala evidencia como a faixa surgiu de um processo mais experimental e menos espontâneo que outras canções do disco.

Joel explica que o principal desafio durante a composição era fugir de uma estrutura pop convencional: "estávamos realmente tentando fazer isso de uma forma que não fosse baseada na estrutura tradicional de música — tentando criar o máximo de melodias que

---

[69] No original: "which rules were dumb and shouldn't have to be followed". LORDE. **Hey, I'm Lorde! AMA!** Reddit: @Lorde, 15 dez. 2013. Disponível em: https://www.reddit.com/r/IAmA/comments/1sydlx/hey_im_lorde_ama/. Acesso em: 1 mai. 2026

[70] No original: "That was the song that took us the longest. That was like a week on one song". LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

podíamos antes de repetir uma" (Little, 2023, tradução nossa)[71]. Isso ajuda a entender por que *Still Sane* transmite uma sensação constante de instabilidade. A música parece evitar repouso ou repetição confortável, mudando melodias e direções ao longo da faixa, quase como se estivesse sempre desviando do caminho esperado. Em reação à música[72], Jennifer Prioli também percebe essa movimentação sonora ao comentar que "a música [vai] acelerando atrás". Embora o andamento permaneça estável, isto é, sem mudar o BPM da música do início ao fim, sua percepção parece estar relacionada ao acúmulo progressivo de elementos instrumentais ao longo da faixa, aspecto que ela associa à crescente tensão emocional presente na narrativa da canção.

Nessa canção, a voz de Lorde raramente soa completamente próxima ou estável; pelo contrário, ela parece "passear" pelo espaço da música, ecoando e se espalhando pelo instrumental. Esse efeito cria uma sensação de distância e desorientação, como se a voz nunca encontrasse um ponto fixo dentro da canção. A produção utiliza o vazio e o espaço sonoro como parte central da experiência da faixa, fazendo com que pequenas mudanças melódicas e camadas vocais ganhem ainda mais destaque.

Essa espacialidade sonora também aparece na percepção de Prioli ao comentar os backing vocals da faixa, descrevendo-os como "aqueles corais [...] que cantam Christmas Carol na rua nevando em Nova York". Embora a associação seja imagética e subjetiva, ela evidencia como as harmonizações vocais presentes na música produzem uma sensação de amplitude e distanciamento, reforçando a atmosfera contemplativa construída pela produção.

Assim, o eco não funciona apenas como um efeito estético, mas como um elemento que reforça a instabilidade emocional presente na música, contribuindo para a sensação de tensão e fragilidade sugerida pelo próprio título *Still Sane*. Dessa forma, a faixa transforma deslocamento, ansiedade e exposição em uma experiência sonora fragmentada e instável, reforçando uma das principais características estéticas de *Pure Heroine*: utilizar os espaços

---

[71] No original: "We were really trying to do it in a way that wasn't based around your traditional song structure — trying to do as many melodies as we could before we repeated one". LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

[72] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

vazios não como ausência emocional, mas como forma de intensificar sentimentos de vulnerabilidade, estranhamento e autoconsciência.

4.9White Teeth Teens

4.9.1Pertencimento, exclusão social e performance

Em *White Teeth Teens, Pure Heroine* desloca sua atenção para as dinâmicas de pertencimento e exclusão social presentes na experiência juvenil. A canção constrói a imagem dos "white teeth teens" como um grupo associado à perfeição estética, popularidade e reconhecimento coletivo, transformando características corporais e visuais em símbolos de status e integração social.

Essa percepção também aparece na leitura de Analu TV[73], que associa os "white teeth teens" a jovens pertencentes à elite econômica e social, marcados pela aparência impecável e pelo acesso constante a padrões de estética. Segundo a criadora, a música evidencia diferenças simbólicas entre esse grupo e o universo suburbano retratado por Lorde ao longo de *Pure Heroine.*

Ao longo da música, Lorde observa esse universo de forma ambígua, marcada simultaneamente por fascínio e distanciamento. Versos como "I'll let you in on something big / I am not a white teeth teen" revelam a consciência de não pertencimento da narradora, evidenciando uma tensão constante entre desejo de integração e percepção da própria diferença.

Essa ambiguidade também aparece na leitura de Mari Bianchini[74]. Ao comentar a faixa, a criadora observa que os "white teeth teens" representam os adolescentes populares, frequentemente percebidos como modelos de perfeição. Segundo ela, "os adolescentes populares normalmente são vistos como perfeitos" e Lorde utiliza a imagem dos "dentes todos brancos e perfeitos" para construir essa representação, associada à ideia de jovens que "fisicamente são perfeitos" e que demonstram ser "superiores e perfeitos em todos os sentidos".

---

[73] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.
[74] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

No entanto, a youtuber ressalta que a música também questiona essa aparência idealizada, afirmando que essas mesmas pessoas "escondem muitos problemas e muitas particularidades dentro delas também". A partir dessa leitura, a faixa tensiona a associação entre popularidade, reconhecimento social e felicidade, sugerindo que a imagem de perfeição atribuída a determinados grupos juvenis frequentemente encobre vulnerabilidades e conflitos invisibilizados.

Nesse contexto, a canção amplia questões já presentes em *Pure Heroine*, especialmente a relação entre juventude, identidade e reconhecimento social. Assim como em *Royals*, elementos simbólicos associados ao consumo e à aparência funcionam como marcadores de status, mas em *White Teeth Teens* essa dimensão aparece deslocada para o corpo e para os códigos estéticos que organizam questões de socialização juvenis.

A recorrência de imagens ligadas a dentes, ouro e sorriso ao longo do álbum reforça essa preocupação com formas de distinção simbólica e performance social. Em discussão online no Reddit realizada no início da carreira, a própria artista descreveu essa repetição como "apenas uma obsessão estranha que sempre esteve comigo" (Lorde, 2013, tradução nossa)[75] evidenciando a recorrência dessa imagem dentro de seu imaginário criativo.

Dessa forma, *White Teeth Teens* transforma códigos aparentemente superficiais da sociabilidade adolescente em elementos centrais para pensar pertencimento, exclusão e reconhecimento coletivo. Ao observar esse universo simultaneamente de dentro e de fora, Lorde constrói uma narrativa marcada pela consciência das hierarquias sociais e pela percepção de que a integração juvenil também depende de performances visuais e simbólicas específicas.

4.9.2Luminosidade e leveza sonora

Em *White Teeth Teens*, existe uma relação bem direta entre o tema da música e a própria sonoridade. A faixa fala de uma adolescência mais superficial e "perfeita", os sorrisos brancos, a aparência impecável, a sensação de um grupo que parece sempre bem iluminado e

[75] No original: "just a weird obsession that has been with me always". LORDE. **Hey, I'm Lorde!** AMA! Reddit: @Lorde, 15 dez. 2013. Disponível em: https://www.reddit.com/r/IAmA/comments/1sydlx/hey_im_lorde_ama/. Acesso em: 1 mai. 2026

sem rachaduras. Esse ideal de perfeição aparece na própria forma como a música soa dentro de *Pure Heroine*, de Lorde.

A produção apresenta timbres mais brilhantes e uma textura sonora mais aberta do que a observada em outras faixas do álbum. Em vez das camadas mais densas e da tensão característica de músicas como *Still Sane* ou *Glory and Gore, White Teeth Teens* privilegia uma organização sonora mais espaçada, na qual a voz de Lorde ganha destaque e os elementos percussivos contribuem para uma sensação de leveza e fluidez. Ao comentar a faixa[76], Jennifer Prioli a descreve como um "rockzinho de garagem", destacando aspectos da produção que aproximam a música de uma estética indie mais orgânica.

Ao mesmo tempo, essa leveza sonora não elimina completamente a tensão presente na narrativa. Mesmo com uma produção mais suave e acessível, a música preserva a sensação de distanciamento da narradora em relação ao universo que descreve. A sonoridade clara e organizada funciona quase como uma representação estética da perfeição social observada por Lorde, reforçando musicalmente a ideia de um grupo marcado pela aparência impecável e pela homogeneidade.

A dimensão coral da faixa também aparece de maneira importante na recepção da música. Prioli destaca "que lindo esse coral", ao comentar as harmonizações presentes na produção, associando ainda a faixa a uma estética "indie natalina". Embora subjetiva, a observação evidencia como os backing vocals e as sobreposições de vozes produzem uma atmosfera expansiva, leve e quase celebratória. A youtuber também relaciona a música a influências do doo-wop, observando "usar as vozes como instrumento", aspecto perceptível nas onomatopeias, harmonizações e repetições vocais distribuídas ao longo da faixa.

Assim, *White Teeth Teens* funciona quase como um espelho sonoro do próprio tema: uma canção mais iluminada e leve por fora, mas que ainda carrega, no olhar de fora de Lorde, uma leitura crítica sobre superficialidade, imagem e pertencimento. Dessa forma, a faixa reforça uma das principais estratégias de *Pure Heroine*: utilizar a própria produção musical para ampliar emocionalmente as tensões sociais e afetivas presentes nas letras.

---

[76] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

4.10A World Alone

4.10.1Intimidade, pertencimento e isolamento compartilhado

Encerrando *Pure Heroine*, *A World Alone* retoma diversos temas presentes ao longo do álbum, especialmente as relações entre pertencimento, intimidade e distanciamento em relação ao mundo exterior. A canção constrói um espaço afetivo marcado pela tentativa de preservação de experiências e vínculos juvenis diante das pressões externas associadas à visibilidade, julgamento social e expectativas coletivas.

Ao longo da faixa, o uso recorrente do pronome "we" reforça uma dimensão coletiva já presente em músicas como *Royals* e *Team,* mas agora deslocada para um registro mais íntimo e emocional. Nesse contexto, versos como "let 'em talk" funcionam como afirmação de um espaço próprio construído à margem das expectativas e opiniões externas.

Diferente de faixas como *Glory and Gore,* em que a coletividade aparece de forma negativa, atravessada por competição e espetáculo, *A World Alone* propõe uma forma de isolamento compartilhado baseada na intimidade e no reconhecimento mútuo. A música sugere que, diante de um mundo percebido como excessivo ou invasivo, pequenos espaços de conexão afetiva tornam-se formas de resistência e persistência.

Essa dimensão de refúgio emocional também aparece na própria atmosfera construída pela faixa. A sensação de recolhimento e afastamento do mundo exterior faz com que a música soe quase como um encerramento íntimo depois das tensões acumuladas ao longo do álbum. Em reação à canção[77], a youtuber Jennifer Prioli descreve a sensação de que "tanta gente do meu lado e eu me sinto sozinha", percepção que aproxima a música de experiências contemporâneas de solidão mesmo em meio à exposição e à sociabilidade constante. A observação reforça como *A World Alone* trabalha simultaneamente proximidade afetiva e isolamento emocional.

[77] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

Jennifer[78] também destaca a consciência de Lorde em relação à própria fama e à presença constante do olhar externo: “Ela tá ciente da fama dela. Ela sabe que tão falando dela. Deixe que diga, que pense, que fala”. A leitura dialoga diretamente com versos como “let ’em talk”, nos quais a cantora parece abandonar a necessidade de responder às expectativas e julgamentos externos para preservar apenas os vínculos considerados realmente importantes. Nesse contexto, a intimidade aparece como forma de resistência simbólica diante da exposição pública e da superficialidade das relações produzidas pela fama.

Nesse sentido, a faixa funciona como síntese de diversos elementos que atravessam *Pure Heroine*: a experiência suburbana, a construção de comunidades juvenis, a sensação de deslocamento em relação à cultura dominante e o desejo constante de preservar autenticidade e pertencimento diante das estruturas simbólicas da música pop contemporânea.

4.10.2 Encerramento sonoro, suspensão e sensação de mundo isolado

Em *A World Alone*, o clima muda novamente dentro do universo de *Pure Heroine.* Depois da energia mais expansiva de outras faixas, aqui a música vai se fechando aos poucos, como se criasse um espaço próprio, quase isolado do restante do mundo. A batida é contida, mas constante, produzindo uma sensação de estabilidade fria e suspensão emocional. Logo nos primeiros momentos da faixa[79], Jennifer Prioli chama atenção para a maneira como a sonoridade “vai crescendo”, percepção que reforça a construção gradual da atmosfera expansiva presente na canção.

A voz de Lorde aparece mais próxima em alguns momentos e depois se afasta, como se estivesse simultaneamente dentro e fora da cena narrada. Esse movimento reforça a ideia de distanciamento presente na letra, criando uma atmosfera em que intimidade e isolamento coexistem constantemente. Assim como em outras músicas do álbum, a espacialidade sonora

[78] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.
[79] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

funciona como extensão emocional da narrativa. Jennifer[80] também destaca o momento em que "os vocais" começam a "se sobressair" e "uivar", observação que dialoga com a expansão gradual das camadas vocais e com a sensação coletiva construída no final da faixa.

Nessa faixa, tudo parece cuidadosamente controlado. Os elementos instrumentais permanecem relativamente contidos, sem grandes explosões ou acúmulos dramáticos, o que contribui para a sensação de fechamento do álbum como um universo próprio. Mesmo sem assumir um tom completamente melancólico, *A World Alone* carrega uma consciência constante da solidão e da necessidade de proteção emocional. Ao mesmo tempo, a faixa cresce progressivamente até atingir uma atmosfera mais ampla e quase eufórica. Jennifer[81] descreve essa sensação ao afirmar que "no final você tá dentro da sala que ela tá com todo mundo", destacando a maneira como a música transforma isolamento em experiência coletiva compartilhada.

Essa percepção se conecta à própria estrutura narrativa de *Pure Heroine*. O álbum se inicia com a pergunta "Don't you think that it's boring how people talk?", em *Tennis Court,* e se encerra com "let 'em talk", em *A World Alone.* Entre esses dois momentos, desenvolve-se um percurso marcado pela tensão constante entre exposição, julgamento social e tentativa de construção de espaços próprios de pertencimento.

Assim, o encerramento do álbum sugere uma transformação importante: aquilo que inicialmente aparece como incômodo diante das expectativas e discursos externos passa a assumir a forma de certo distanciamento e aceitação. Ao final de *Pure Heroine*, mais do que responder ou confrontar diretamente essas vozes, a narrativa construída por Lorde parece encontrar refúgio na intimidade, na coletividade juvenil e na criação de mundos próprios.

Essa percepção também aparece na leitura de Mari Bianchini[82] sobre o encerramento do álbum. Ao comentar a faixa, a criadora afirma que, ao final de *Pure Heroine*, "é quase como se ela abraçasse tudo isso, como se ela aceitasse que as pessoas vão falar sobre ela, que a vida

---

[80] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

[81] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

[82] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

dela vai sofrer algumas mudanças". Segundo Bianchini, a música sugere que Lorde está "disposta a continuar dançando e aproveitando a vida independente disso", transformando a preocupação com a fama, presente em diferentes momentos do álbum, em uma postura de maior aceitação diante das transformações que se aproximam. A youtuber acrescenta ainda que, ao encerrar o disco, a artista demonstra compreender que a exposição pública "vai fazer parte da vida dela agora e que tudo bem, que ela vai conseguir lidar com isso da melhor forma possível". Dessa forma, a leitura reforça a ideia de que *A World Alone* funciona como um momento de resolução narrativa, no qual os medos e incertezas apresentados ao longo do álbum dão lugar a uma posição mais confiante diante do futuro.

Essa percepção também aparece na interpretação de Analu TV[83] sobre o encerramento do álbum. Segundo a youtuber, depois de abordar ao longo de *Pure Heroine* questões ligadas à fama, cultura pop e inseguranças adolescentes, Lorde conclui o disco afirmando que "as pessoas vão pensar o que quiserem" e que o mais importante é continuar vivendo "feliz do nosso jeito". A leitura reforça a ideia de que o álbum termina não com resolução definitiva dos conflitos apresentados, mas com uma forma de aceitação e fortalecimento coletivo diante do olhar externo. Nesse sentido, *A World Alone* encerra o álbum não com resolução definitiva, mas com uma sensação de amadurecimento emocional gradual, percepção também destacada por Jennifer Prioli[84] ao comentar que a faixa transmite a impressão de "ela amadurecendo durante o álbum".

A análise das faixas permite observar como diferentes temas, atmosferas e tensões são desenvolvidos ao longo de *Pure Heroine* de maneira progressiva. Embora cada música apresente questões específicas, elas se articulam em torno de preocupações recorrentes relacionadas à juventude, ao pertencimento, à fama, ao consumo e aos processos de construção identitária. Nesse sentido, mais do que um conjunto de canções isoladas, o álbum opera como uma narrativa coesa, na qual elementos líricos, sonoros e performáticos contribuem para a elaboração de sentidos compartilhados. A seguir, propõe-se uma análise do disco como um

---

[83] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.
[84] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

todo, buscando compreender de que forma essas recorrências se articulam e quais sínteses o álbum produz em relação às representações da adolescência contemporânea.

5 A ADOLESCÊNCIA EM *PURE HEROINE:* ANÁLISE DO ÁLBUM COMO CONJUNTO

Após a análise individual das faixas, torna-se possível observar *Pure Heroine* para além de suas canções isoladas, buscando compreender as articulações temáticas, sonoras e narrativas que conferem unidade ao álbum. Embora cada música desenvolva situações e experiências específicas, o disco apresenta forte coesão estética e temática, construindo um percurso marcado por reflexões sobre juventude, pertencimento, fama, consumo, autenticidade e amadurecimento. Nesse sentido, a análise do álbum como conjunto permite identificar recorrências, tensões e conexões que atravessam diferentes faixas e contribuem para a produção de sentidos mais amplos sobre a adolescência contemporânea.

Este capítulo está organizado em torno de alguns dos principais eixos identificados ao longo da análise. Inicialmente, discute-se a forma como *Pure Heroine* constrói representações da juventude suburbana e de experiências cotidianas frequentemente ausentes das narrativas dominantes da música pop. Em seguida, são examinadas as relações entre pertencimento, identidade e construção coletiva de experiências juvenis presentes no álbum. Posteriormente, analisa-se a maneira como a obra articula reflexões sobre fama, consumo e cultura midiática, estabelecendo uma postura crítica em relação a valores recorrentes do pop mainstream. Por fim, discute-se a unidade estética e sonora do disco, observando como escolhas de produção, espacialidade, timbres e performance vocal contribuem para a construção das atmosferas emocionais que caracterizam *Pure Heroine*.

5.1Sonoridade simplista, espacialidade e coesão estética

Lançado em 2013, quando Lorde tinha apenas 16 anos, *Pure Heroine* apresenta uma identidade sonora que se distancia significativamente das produções pop dominantes do período. Em parceria com Joel Little, a artista constrói um universo musical baseado em elementos mínimos, no qual espaços vazios, batidas eletrônicas discretas, sintetizadores contidos e camadas vocais assumem papel central na produção das atmosferas do álbum. Em vez de buscar impacto por meio do excesso sonoro, característica recorrente no pop do início da década de 2010, *Pure Heroine* produz intensidade justamente através da contenção.

Essa estética mais simples aparece de forma consistente ao longo de todo o disco. Embora cada faixa explore emoções e narrativas distintas, as músicas compartilham estratégias sonoras semelhantes, como o uso reduzido de instrumentos, a valorização da voz como elemento principal da produção e a construção gradual de intensidade através da sobreposição de camadas vocais e texturas eletrônicas. O resultado é um álbum marcado por forte unidade estética, em que as faixas dialogam constantemente entre si.

Ao comentar o álbum[85], Jennifer Prioli observa que até mesmo a capa antecipa essa proposta estética ao apresentar uma composição extremamente simples, marcada apenas pela tipografia branca sobre fundo preto. Segundo a criadora, essa simplicidade visual dialoga diretamente com a sonoridade do disco, construída a partir de poucos elementos cuidadosamente organizados. A youtuber também destaca sua admiração pela produção mais simples do álbum, descrevendo músicas que parecem crescer lentamente a partir de uma estrutura reduzida, produzindo uma sensação constante de expansão.

A construção dessa estética está diretamente relacionada ao processo criativo compartilhado por Lorde e Joel Little. Em entrevistas sobre a produção do álbum, ambos mencionam o interesse por artistas como James Blake e a busca por compreender "até que ponto era possível tornar uma música minimalista e ainda fazê-la se sustentar completamente".[86]. A proposta não consistia em eliminar complexidade, mas em encontrar formas de construir profundidade emocional através da redução dos elementos musicais. Nesse contexto, o silêncio, os espaços vazios e as texturas sonoras tornam-se componentes tão importantes quanto os próprios instrumentos.

Outro aspecto recorrente em *Pure Heroine* é o papel das vozes na construção das atmosferas musicais. Harmonizações, ecos, dobras vocais e corais aparecem repetidamente ao longo do álbum, ampliando a espacialidade das músicas e produzindo sensações de pertencimento coletivo, intimidade ou isolamento, dependendo da faixa. Em muitos momentos,

---

[85] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

[86] No original: "how minimal you could make a piece of music and have it still totally hang together". LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

as vozes deixam de funcionar apenas como suporte melódico e passam a ocupar função estrutural dentro da produção, contribuindo para a construção emocional das canções.

Dessa forma, a sonoridade de *Pure Heroine* não funciona apenas como acompanhamento das letras, mas como elemento fundamental na construção de seus significados. O simplismo, a espacialidade e a repetição de determinadas estratégias de produção conferem unidade ao álbum e ajudam a consolidar uma identidade estética própria, responsável por diferenciar o trabalho tanto do pop mainstream de sua época quanto das representações tradicionais da adolescência presentes na música popular.

*5.2*Juventude, fama e experiências suburbanas: a construção temática de *Pure Heroine*

Se a unidade sonora constitui uma das principais características de *Pure Heroine*, sua coesão temática é igualmente central para a compreensão do álbum. Ao longo das dez faixas, Lorde desenvolve reflexões sobre juventude, pertencimento, fama, cultura pop, consumo e identidade, articulando experiências pessoais a questões compartilhadas por uma geração inteira. O álbum apresenta uma trajetória marcada por dúvidas, tensões e transformações progressivas, acompanhando o processo de amadurecimento de uma jovem que se vê diante da iminência da fama e das mudanças que ela provoca. Essas representações dialogam com a perspectiva de Hall (1997) de que a cultura produz sentidos sobre o mundo social, oferecendo formas específicas de compreender e vivenciar a juventude. Essa percepção também aparece na leitura de Mari Bianchini[87], que afirma:

> Eu enxergo o *Pure Heroine* muito como um álbum de processo. Ela narra para a gente através da música o processo de compreensão dela mesma em torno da fama que tinha acabado de chegar à vida dela (...). O álbum é incrivelmente coeso, tudo combina e soa muito bem junto, mas o que mais me chama atenção é a coesão lírica e a coesão temática que ela conseguiu trazer com cada uma das músicas (Bianchini, 2020)

Essa percepção torna-se especialmente significativa quando considerada a idade da cantora durante a composição das músicas. Lançado quando Lorde tinha 16 anos, o álbum foi escrito majoritariamente entre seus 14 e 15 anos. Ainda assim, as canções apresentam reflexões

[87] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

críticas sobre fama, consumo, status social e cultura midiática, temas tradicionalmente associados a artistas mais experientes. Ao comentar o álbum[88], Mari Bianchini destaca que "as temáticas abordadas por esse álbum são extremamente maduras", sobretudo quando se considera a idade da artista durante sua composição. Segundo a criadora, as músicas são "muito maduras, muito irônicas, muito críticas", uma vez que Lorde "não deixa em nenhum momento desse álbum de criticar as coisas que ela acha que estão erradas e apontar cada uma dessas coisas e de dar a opinião dela sobre tudo isso". A leitura da youtuber evidencia como a artista articula observação social, crítica cultural e experiência pessoal em um conjunto de canções que ultrapassa expectativas frequentemente associadas à sua juventude.

Essa percepção também aparece na interpretação de Analu TV[89], que associa o impacto cultural de *Pure Heroine* à capacidade do álbum de representar experiências mais próximas da realidade de seus ouvintes. Como observa a criadora:

> Pela primeira vez o público jovem teria um trabalho completo que fala sobre vivências, sentimentos que correspondiam com a sua realidade. Afinal, a Lorde nasceu em Takapuna, um subúrbio de Auckland, na Nova Zelândia, que tem uma população muito pequena (Analu TV, 2022)

A observação da youtuber reforça a ideia de que *Pure Heroine* desloca o foco das narrativas tradicionais do pop para experiências cotidianas ligadas à juventude suburbana, aproximando-se de vivências compartilhadas por muitos ouvintes.

Essa dimensão também aparece nas próprias reflexões de Lorde sobre o processo de criação do disco. Em um e-mail enviado aos fãs em comemoração aos dez anos de lançamento de *Pure Heroine*, a artista relembra longas caminhadas pelo bairro onde cresceu e afirma ter começado a transformar elementos cotidianos de seu entorno em matéria-prima artística. Essas representações dialogam com a perspectiva de Hall (1997) de que a cultura produz sentidos sobre o mundo social, oferecendo formas específicas de compreender e vivenciar a juventude. Segundo ela, "Eu fazia longas caminhadas pelo bairro e comecei a mitologizar as coisas ao meu redor (grandes campos de rúgbi vazios e iluminados por refletores/viagens de ônibus/ruas

---

[88] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

[89] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.

escuras/tédio/isolamento) nos temas que se tornariam o *Pure Heroine*" (Lorde, 2023, tradução nossa)[90]. A declaração evidencia como aspectos aparentemente banais da vida suburbana foram convertidos em imagens centrais para a construção do universo simbólico do álbum.

Ao mesmo tempo, *Pure Heroine* também pode ser compreendido como uma reflexão contínua sobre fama e exposição pública. Diversas músicas abordam direta ou indiretamente as transformações associadas ao reconhecimento, ao olhar externo e às expectativas produzidas pela indústria cultural. Em entrevista concedida à revista Rookie, Lorde descreve a ansiedade sentida durante o lançamento do álbum, afirmando que suas emoções deixavam de ser exclusivamente suas quando as músicas passavam a circular publicamente. Segundo a artista, "assim que elas são lançadas no mundo, elas não são mais apenas minhas" (Lorde, 2013, tradução nossa)[91], evidenciando preocupações que atravessam grande parte da narrativa construída ao longo do disco.

Nesse sentido, o álbum desenvolve um percurso que acompanha simultaneamente experiências juvenis e a aproximação da fama. Como observa Mari Bianchini[92], a narrativa inicia marcada pelo receio diante da visibilidade e das transformações que ela poderia provocar, mas gradualmente se desloca para uma postura mais próxima da aceitação. Esse movimento torna-se especialmente perceptível quando comparados os versos que abrem e encerram o álbum. Enquanto *Tennis Court* inicia questionando a importância atribuída ao olhar dos outros, *A World Alone* conclui afirmando "let 'em talk", sugerindo uma relação menos ansiosa com os julgamentos externos.

A análise do álbum como um todo permite perceber que *Pure Heroine* não é apenas uma coleção de músicas sobre adolescência, mas um trabalho que articula experiências individuais a sentimentos compartilhados coletivamente. Ao transformar tédio suburbano, inseguranças juvenis, críticas à cultura pop e reflexões sobre fama em matéria artística, Lorde

---

[90] No original: "I'd go on long walks around the neighbourhood, and began to mythologise the stuff around me (big empty floodlit rugby fields/bus rides/dark streets/boredom/isolation) into the motifs that would become Pure Heroine" LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

[91] No original: "once they're out there, they're not just mine anymore". GEVINSON, Tavi. **Super Heroine:** an interview with Lorde. Rookie, 2 jan. 2014. Disponível em: https://www.rookiemag.com/2014/01/lorde-interview/8/. Acesso em: 17 mar. 2026.

[92] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

constrói um álbum que dialoga simultaneamente com sua experiência pessoal e com as vivências de uma geração. A combinação entre coesão sonora e unidade temática faz com que *Pure Heroine* funcione como um retrato complexo da juventude contemporânea, consolidando-se como uma obra significativa do pop da década de 2010.

Nesse sentido, a expansão gradual presente em grande parte das faixas parece dialogar com a própria narrativa do álbum. Assim como as músicas frequentemente partem de estruturas reduzidas para alcançar atmosferas mais amplas e densas, *Pure Heroine* acompanha uma artista em processo de crescimento, deslocando-se de inquietações pessoais para reflexões cada vez mais amplas sobre fama, pertencimento, juventude e identidade. Embora não se trate de uma narrativa linear, a recorrência dessa dinâmica sonora contribui para a percepção de um álbum marcado pela transformação e pelo amadurecimento gradual.

Outro aspecto importante para compreender a persistência de *Pure Heroine* está na relação construída entre Lorde e seus ouvintes ao longo do tempo. Como observado anteriormente, a artista frequentemente mobiliza experiências específicas de sua própria adolescência, mas as transforma em narrativas capazes de gerar identificação coletiva. Essa dinâmica torna-se perceptível tanto na recepção do álbum quanto na trajetória posterior da cantora. Ao comentar sua apresentação no Lollapalooza Brasil 2026, Lorde afirmou sentir que ela e seus fãs "cresceram juntos", descrevendo-se como uma espécie de irmã mais velha para uma geração que acompanhou sua trajetória desde a adolescência. Essa percepção ajuda a compreender por que as experiências narradas em *Pure Heroine* continuam mobilizando ouvintes mais de uma década após o lançamento do álbum.

As próprias leituras das criadoras de conteúdo analisadas neste trabalho evidenciam esse processo. Mari Bianchini[93] destaca que ela e Lorde nasceram no mesmo ano e demonstra admiração pelo fato de a artista ter produzido, ainda adolescente, um álbum que considera extremamente maduro. Já Analu[94] associa o impacto de *Pure Heroine* ao fato de o disco oferecer representações mais próximas da realidade de jovens que viviam distantes dos espaços de glamour tradicionalmente retratados pela cultura pop. Essa dinâmica aparece de forma

[93] MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

[94] ANALU TV. **PURE HEROINE:** o álbum da Lorde que moldou uma geração. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.

especialmente evidente na leitura de Jennifer Prioli[95] sobre *Ribs*. Embora a música tenha sido escrita por Lorde aos 16 anos, a criadora observa que seus sentidos ultrapassam a experiência adolescente específica retratada na letra:

> Ela fez essa música com 16 anos [...] e deixa pessoas de 30 anos como eu emocionadas, porque conversa com a gente também. [...] Quanto mais a gente envelhece, a gente tem menos amigos. [...] Dá vontade de chorar a música inteira, sabe? Sobre querer ter aquela mente que a gente tinha antes, aquela mente esperançosa, aquela mente que via tudo de forma mais simples [...] Quando ela toca no final, que vai estourando assim, que é a gente expurgando os medos, os estresses que a vida adulta traz pra gente, eu tenho vontade de chorar (Prioli, 2025)

A interpretação evidencia como os significados produzidos por *Pure Heroine* não permanecem restritos ao contexto adolescente de sua criação. Ao mobilizar sentimentos relacionados à passagem do tempo, às transformações das relações sociais e às incertezas da vida adulta, o álbum continua sendo constantemente ressignificado por ouvintes de diferentes gerações. Essas interpretações reforçam a compreensão de que a escuta musical contemporânea ultrapassa o contato individual com a canção, envolvendo processos coletivos de comentário, compartilhamento e produção de sentidos, conforme discutem Janotti Jr., Queiroz e Pires (2023).

Nesse sentido, *Pure Heroine* pode ser compreendido como uma obra que acompanha processos de amadurecimento tanto da artista quanto de seu público. Ao transformar inseguranças, desejos e inquietações juvenis em narrativas compartilháveis, Lorde constrói um álbum cuja força não reside apenas em sua coesão estética ou temática, mas também na capacidade de permanecer significativo para ouvintes que continuam revisitando essas músicas em diferentes momentos de suas vidas.

---

[95] JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

6CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, buscou-se compreender de que forma *Pure Heroine* constrói representações da adolescência por meio da articulação entre letras, sonoridades, performances e discursos produzidos em torno da obra. Para isso, o trabalho partiu das contribuições dos Estudos Culturais, especialmente das discussões sobre representação, identidade e cultura pop, compreendendo a música não apenas como entretenimento, mas como um espaço de produção de sentidos sobre a experiência social.

A análise permitiu observar que *Pure Heroine* elabora uma visão particular da juventude, marcada por sentimentos de pertencimento, deslocamento, tédio, descoberta e transformação. Ao longo das faixas, Lorde transforma experiências pessoais em narrativas que dialogam com questões coletivas, produzindo formas de identificação que ultrapassam o contexto específico de seu lançamento. Mais do que retratar a adolescência, o álbum participa ativamente da construção de sentidos sobre o que significa viver esse período da vida.

Um dos aspectos mais significativos observados ao longo da análise é que o caráter simplista de *Pure Heroine* não deve ser compreendido como sinônimo de desleixo ou de pouca elaboração estética. Ao contrário, a redução dos elementos instrumentais exige um trabalho cuidadoso de construção sonora, no qual silêncios, espacialidade, texturas, camadas vocais e pequenas variações de timbre assumem papel central na produção de sentidos. Ao abrir espaço para esses elementos, o álbum também destaca a performance vocal de Lorde, permitindo que nuances de sua interpretação, seu timbre e seus maneirismos expressem emoções que frequentemente ultrapassam aquilo que é dito nas letras. Nesse sentido, a força estética de *Pure Heroine* reside justamente na capacidade de construir atmosferas complexas e envolventes a partir de poucos elementos, demonstrando que a simplicidade pode constituir uma forma sofisticada de elaboração musical.

O diálogo entre diferentes materiais também se mostrou fundamental para a pesquisa. A análise das músicas foi articulada às declarações da própria artista e às interpretações produzidas por criadoras de conteúdo no YouTube, permitindo observar como os sentidos da obra são constantemente retomados, negociados e ressignificados. Nesse processo, as leituras das youtubers não foram compreendidas apenas como recepções individuais, mas como práticas

de escuta e interpretação que ajudam a manter a obra viva culturalmente mais de uma década após seu lançamento.

Além disso, a pesquisa evidenciou a importância de considerar a dimensão sonora da música pop como parte fundamental da produção de sentidos. Em *Pure Heroine*, elementos como silêncios, espacialidade, timbres, camadas vocais e escolhas de produção atuam de forma decisiva na construção das atmosferas emocionais que atravessam o álbum. Assim, as representações da adolescência identificadas ao longo da análise não se encontram apenas nas letras, mas também nas sonoridades e nas experiências afetivas produzidas pela escuta.

Por fim, este trabalho também foi atravessado por uma posição particular: a de uma pesquisadora que, assim como muitos dos ouvintes analisados, cresceu acompanhando a trajetória de Lorde. Longe de representar um obstáculo, essa proximidade tornou-se um ponto de partida para refletir sobre os vínculos afetivos que a música pop é capaz de produzir. Ao colocar em diálogo a obra, a artista, as interpretações de fãs e as contribuições teóricas dos Estudos Culturais, foi possível compreender que os sentidos de *Pure Heroine* não estão encerrados no álbum em si, mas continuam sendo construídos coletivamente por aqueles que escutam, interpretam e se reconhecem em suas narrativas. Nesse sentido, a pesquisa reforça o potencial da música pop como objeto legítimo de investigação acadêmica e como um espaço privilegiado para compreender experiências juvenis contemporâneas.

REFERÊNCIAS

400 Lux (2013). **Rolling Stone Australia**, 2025. Disponível em: https://au.rollingstone.com/music/music-lists/-78875/400-lux-2013-78916/. Acesso em: 2 mai. 2026

ANALU TV. **PURE HEROINE: o álbum da Lorde que moldou uma geração.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M-Nb0b3I5RI. Acesso em: 08 mai. 2026.

GEVINSON, Tavi. **Super Heroine:** an interview with Lorde. Rookie, 2 jan. 2014. Disponível em: https://www.rookiemag.com/2014/01/lorde-interview/8/. Acesso em: 17 mar. 2026.

GLORY and Gore (2013). **Rolling Stone**, 26 jun. 2025. Disponível em: https://www.rollingstone.com/music/music-lists/best-lorde-song-ranked-1235371650/glory-and-gore-2013-1235371725/. Acesso em: 1 mai. 2026

HALL, S. (Ed.). **Representation:** cultural representations and signifying practices. 1. ed. Londres: Sage/The Open University, 1997.

HILL, Dave. **Designer boys and material girls:** Manufacturing the '80s pop dream. Londres: Blandford Press, 1986.

HOBY, Hermione. **One to watch:** Lorde. The Guardian, 29 jun. 2013. Disponível em: https://www.theguardian.com/music/2013/jun/30/lorde-interview-royals-one-watch. Acesso em: 5 mai. 2026

JANOTTI JR., Jeder; QUEIROZ, Tobias Arruda; PIRES, Victor. **Deixe a gira girar:** corporeidades musicais em tempos de escuta conexa. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2023. Disponível em: https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/. Acesso em: 14 abr. 2026

JENNIFER PRIOLI. **REACT PURE HEROINE - LORDE | debutou melhor que o melodrama ????? Esquenta pro VIRGIN.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ptbopZlVgZY. Acesso em: 08 mai. 2026.

KELLNER, D. **A cultura da mídia:** estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

LEAL, Bruno Souza. **Introdução às narrativas jornalísticas.** Porto Alegre: Sulina, 2022.

LORDE. **A note from the desk of a newborn adult.** Facebook: @lordemusic, 7 nov. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/lordemusic/posts/a-note-from-the-desk-of-a-newborn-adulttomorrow-i-turn-20-and-its-all-ive-been-a/1398988346785548/. Acesso em: 17 mar. 2026.

LORDE. **Hey, I'm Lorde! AMA!** Reddit: @Lorde, 15 dez. 2013. Disponível em: https://www.reddit.com/r/IAmA/comments/1sydlx/hey_im_lorde_ama/. Acesso em: 1 mai. 2026

LORDE. **Merchandising oficial da era Solar Power:** camiseta da turnê mundial. [Nova Zelândia]: Universal Music Group, [2022]. 1 peça de vestuário.

LORDE. **Pure Heroine.** Nova York: Universal/Lava/Republic Records, 2013.

LORDE. **Pure Heroine:** 10 Year Anniversary Dispatch (Living in Ruins of a Palace within My Dreams). 2023. Disponível em: https://mcusercontent.com/17fd14c80b6498e9b83a718af/files/991f2e09-3787-1043-1f16-dfbdf08b7763/joel_transcript.pdf. Acesso em: 20 abr. 2026

LORDE. **WE'RE ON EACH OTHER'S TEAM...** Facebook: @lordemusic, 3 dez. 2013. Disponível em: https://web.facebook.com/lordemusic/posts/701802653170791. Acesso em: 2 mai. 2026.

LORDE BRASIL. **Discurso de "Liability".** Instagram: @ lordebrasill, 25 março 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DWTyRBgAHJY/. Acesso em: 09 jun. 2026.

LORDE Email Archive. **Pure Heroine Turns 10.** Tumblr, 2023. Disponível em: https://lordeemailarchive.tumblr.com/post/729638306512519168/pure-heroine-turns-10. Acesso em: 20 abr. 2026

LORDEVEVO. **Lorde - Lyrical Influences (VEVO LIFT).** YouTube, 27 nov. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zCSFHsd7NWA. Acesso em: 4 mai. 2026.

LORDE'S corner. **Lorde - Ribs (Speech+Song) Live in Netherlands, 2014. Pure Heroine Tour.** YouTube, 30 jan. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=88oR5GjjZ6k . Acesso em: 4 mai. 2026.

MARI BIANCHINI. **JUVENTUDE, FAMA E CRÍTICAS SOCIAIS NO PURE HEROINE DE LORDE | #outrasprimavERAS.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iBT78_kO5i0. Acesso em: 08 mai. 2026.

MCROBBIE, Angela; GARBER, Jenny. Girls and subcultures. In: MCROBBIE, Angela. **Feminism and youth culture:** from "Jackie" to "Just Seventeen". London: Macmillan, 1991. p. 1-15.

MUTSCHLER, Julia Fânzeres Caminha; SILVA, Lisienne de Morais Navarro Gonçalves. Autenticidade na adolescência: a marginalização do eu em um tempo de transição, pertencimento e construção identitária. **Revista de Geopolítica**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e1381,

2026. DOI: 10.56238/revgeov17n1-123. Disponível em: https://mail.revistageo.com.br/revgeo/article/view/1381. Acesso em: 14 abr. 2026.

O'KEEFE, Meghan. YOK **Artist Lorde Reveals The "Grandeur" Behind Her Next Single "Tennis Court".** VH1 News, 17 set. 2013. Disponível em: https://www.vh1.com/news/o70v93/lorde-tennis-court. Acesso em: 17 mar. 2026.

SHUKER, R. **Understanding popular music**. Londres: Routledge, 2013.

SHUKER, Roy. **Understanding popular music culture.** 5. ed. Londres: Routledge, 2016.

ZEICHNER, Naomi. **Interview: Lorde.** The FADER, 8 ago. 2013. Disponível em: https://www.thefader.com/2013/08/08/interview-lorde. Acesso em: 17 mar. 2026